



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS SANTA INÊS
CURSO DE PEDAGOGIA

LAUANNE CUNHA CARVALHO
LUANA TAYNARA RIBEIRO SILVA BARBOSA

LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: mediações de leituras através do
teatro de bonecos com lendas maranhenses

Santa Inês
2024

LAUANNE CUNHA CARVALHO
LUANA TAYNARA RIBEIRO SILVA BARBOSA

LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: mediações de leituras através do
teatro de bonecos com lendas maranhenses

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual do Maranhão –
UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para a obtenção da Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Mirian Santos
Chagas de Souza

Santa Inês
2024

Carvalho, Lauanne Cunha.

Letramento literário em sala de aula: mediações de leituras através do teatro de bonecos com lendas maranhenses. / Lauanne Cunha Carvalho e Luana Taynara Ribeiro Silva Barbosa – Santa Inês - MA, 2024.

78 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia Licenciatura, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Souza.

1. Literatura infantojuvenil. 2. Lendas maranhenses. 3. Formação do leitor literário. I. Título.

CDU 37.091.33-028.22

LAUANNE CUNHA CARVALHO
LUANA TAYNARA RIBEIRO SILVA BARBOSA

LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: mediações de leituras através do
teatro de bonecos com lendas maranhenses

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para a obtenção da Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Aprovado em 16/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



MIRIAN SANTOS CHAGAS DE SOUZA

Data: 20/12/2024 09:53:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Ma. Mirian Santos Chagas de Souza (Orientadora)

Mestra em Literatura e Crítica literária

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente



ANTONIO CILIRIO DA SILVA NETO

Data: 23/12/2024 15:18:43-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a):

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente



SUELMA DA SILVA AGUIAR LIMA

Data: 23/12/2024 21:13:54-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor(a):

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Dedicamos a Deus, que com Seu amor, graça e fidelidade nos guiou em cada passo. "Até aqui nos ajudou o Senhor" (1 Samuel 7:12).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser a base de tudo na minha vida, a minha força e o meu refúgio em todos os momentos. Ele é a luz que guia meus passos, o amor que sustenta meu coração e a razão pela qual consegui superar tantos desafios. Sem seu cuidado e amor nada disso seria possível.

À minha mãe, Icenilde, meu porto seguro que abdicou de seu tempo e sonhos para viver em prol dos meus. Agradeço por ter priorizado minha educação, por ter aberto às portas que eu não tinha forças para abrir. Por ter me dado às oportunidades que eu precisava para chegar até aqui. Pelo amor incondicional que me dá desde os seus dezessete anos, por ser meu maior exemplo de garra e força.

À família Carvalho, que nunca mediu esforços para me ajudar em tudo que eu precisasse. Vocês são o meu exemplo de “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”.

Aos meus irmãos, Laís, Laine, Lorrane e Lucas que compartilharam comigo toda essa trajetória de pertinho, amo vocês.

Ao meu avô, Valdeci, meu maior admirador e incentivador. Obrigada por sempre acreditar em mim.

À minha querida amiga e dupla Luana Taynara, que esteve ao meu lado em cada momento dessa caminhada e a tornou mais leve. Agradeço pela amizade, pelas risadas, pelas palavras de apoio, e por sempre me acolher. Você foi uma companheira de todas as horas, que me deu força e incentivo para continuar, que dividiu comigo não só o trabalho, mas também os sentimentos e desafios dessa jornada.

Aos profissionais da educação que com amor e dedicação me deram todo suporte necessário para realizar cada etapa desse sonho. Em especial, à minha orientadora Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Souza, que com paciência e sabedoria foi essencial para a concretização desse sonho. Minha maior inspiração profissional vem de todos vocês. Obrigada por tanto.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Cada gesto, cada palavra de apoio fizeram toda a diferença. Minha sincera gratidão.

Lauanne Cunha Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com sua infinita bondade, me concedeu sabedoria, força e coragem para trilhar este caminho e realizar mais um dos meus sonhos. Que toda honra e Glória seja dada a Ele. “Eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas” (Salmos 9:1).

Aos meus pais, Geová e Nilvana, meus exemplos de vida, que sob muito sol, fizeram-me chegar até aqui, na sombra. Obrigada por todo amor, sacrifício, paciência e por sempre acreditarem nos meus sonhos. Espero um dia retribuí-los.

Ao meu amado marido, João Victor Barbosa, que esteve ao meu lado em todos os momentos. Sua paciência, apoio e amor foram pilares fundamentais em cada passo dessa caminhada. Obrigada por ser tão parceiro, e sempre me incentivar. Esta conquista é nossa!

Aos meus queridos irmãos, Wesley Eduardo e Hellen Nayara, por estarem sempre ao meu lado e serem meu porto seguro, ajudando-me sempre que preciso.

À Lauanne Carvalho, minha dupla e parceira, que sempre esteve comigo, muito obrigada por ser essa companheira incrível durante toda a graduação. Sua presença fez tudo mais leve, alegre e divertido.

À minha grande amiga Wanessa Barbosa, por sempre confiar em mim e estar ao meu lado. Sua amizade e apoio são inestimáveis.

Aos meus sogros, Antonia e Manoel, sou profundamente grata por todo acolhimento e cuidado que sempre me ofereceram. Vocês são bênçãos em minha vida.

À minha orientadora, Profa. Ma. Mirian Santos Chagas de Souza, gostaria de expressar minha gratidão, carinho e admiração. Obrigada por cada direcionamento e por compartilhar generosamente seus conhecimentos.

Por fim, expresso minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu realizasse este sonho. Cada palavra de apoio e incentivo está guardada com muito carinho em meu coração.

Luana Taynara Ribeiro Silva Barbosa

As histórias são reservas de força que brotam em nossas vidas. Elas nos carregam quando precisamos, nos lembram de quem somos quando esquecemos e nos conectam uns aos outros em um tecido de experiências humanas compartilhadas. Ao contar histórias, transformamos não só o ouvinte, mas a nós mesmos, porque, no fundo, somos todos feitos de histórias.

(Clarissa Pinkola Éstes)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar os fundamentos teóricos e metodológicos do letramento literário em sala de aula, com vista a propor mediações de leitura através do teatro de bonecos com lendas maranhenses para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Parte-se do pressuposto de que, o letramento literário como ato contínuo que compreende um conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária cujo objetivo é a formação autônoma do leitor. Portanto, trata-se de um ato permanente que não se fecha, tornando a escola o principal meio da relação do aluno com a literatura. Leva-se em conta a crescente produção de obras literárias infanto juvenil com tema lendas maranhenses, porém, raramente são socializadas no ambiente escolar. Compreende-se que o teatro de bonecos é sempre bem aceito pelo público infantil, cujo caráter lúdico favorece a inserção das crianças nas práticas de leituras literárias. Fundamenta-se nos estudos de Cosson (2021), Zilberman (2012), Colomer (2007), Palo e Oliveira (2006), Abramovick (1997), Soares (2009), Dohme (2017), Santos (2015), dentre outros. Os procedimentos de investigação adotados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, tendo como universo a Escola Municipal Ferdnan Gutman, localizada na cidade de Santa Inês. O principal resultado é que o uso do teatro de bonecos lendas maranhenses valoriza a cultura local e contribui significativamente para o letramento literário e, por conseguinte, o desenvolvimento do imaginário e da criatividade.

Palavras-chave: Literatura Infanto Juvenil; Lendas Maranhenses; Formação do leitor literário.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the theoretical and methodological foundations of literary literacy in the classroom, with a view to proposing reading mediations through puppet theater with Maranhão legends for students in the 2nd year of elementary school. It is assumed that literary literacy is a continuous act that comprises a set of social practices that use literary writing whose objective is the autonomous formation of the reader. Therefore, it is a permanent act that does not end, making school the main means of the student's relationship with literature. It takes into account the growing production of children's and young adult literary works with Maranhão legends as their theme, however, they are rarely socialized in the school environment. It is understood that puppet theater is always well accepted by the child audience, whose playful character favors the insertion of children in literary reading practices. It is based on studies by Cosson (2021), Zilberman (2012), Colomer (2007), Palo and Oliveira (2006), Abramovick (1997), Soares (2009), Dohme (2017), Santos (2015), among others. The research procedures adopted were bibliographic research and action research, having as a universe the Ferdnan Gutman Municipal School, located in the city of Santa Inês. The main result is that the use of puppet theater Maranhão legends values local culture and contributes significantly to literary literacy and, consequently, the development of imagination and creativity.

Keywords: Children's and Young Adult Literature; Maranhão Legends; Training of the literary reader.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise da segunda questão: Você considera que o ensino literário deve ser parte integrante do currículo escolar? Justifique.39

Quadro 2 – Análise da quinta questão: Você já implementou atividades de letramento literário em suas aulas ou possui conhecimento sobre esse tema?42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Análise da terceira questão: Com que frequência você utiliza obras literárias nas suas aulas?	40
Gráfico 2 – Análise da quarta questão: Você utiliza atividades práticas (como dramatizações ou criações de histórias) para ensinar literatura?.....	41
Gráfico 3 – Análise da sexta questão: De que forma você acredita que o uso do teatro de bonecos pode promover o letramento das crianças, especialmente ao trabalhar com narrativas culturais, como as lendas maranhenses?	43
Gráfico 4 – Análise da sétima questão: Como você avalia a contribuição do teatro de bonecos no processo de letramento literário, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da imaginação, criatividade e compreensão leitora dos alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental, considerando seu potencial para tornar as histórias mais envolventes e acessíveis?	44
Gráfico 5 – Análise da oitava questão: Como você avalia o nível de engajamento dos alunos durante as aulas que utilizam o teatro de bonecos, especialmente ao trabalhar com lendas maranhenses, em comparação com outras metodologias de ensino voltadas para o letramento literário?.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Apresentação do trabalho que foi desenvolvido.....	51
Figura 2 - Primeira aplicação da proposta	52
Figura 3 - Segunda aplicação da proposta	53
Figura 4 - Interação e engajamento dos alunos após a aplicação das atividades....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OS ENLACES DA LITERATURA INFANTIL COM A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	17
2.1 Literatura Infantil: contexto histórico	18
2.2 A leitura literária infantil no espaço escolar	20
3 LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL	24
3.1 Letramento literário em sala de aula: fundamentos teóricos e práticos	24
3.2 A contação de histórias através do teatro de bonecos e o letramento literário	30
4 MATERIAL E MÉTODOS	36
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	38
5.1 Caracterização da escola campo	38
5.2 O ensino literário infantil em sala de aula: percepção dos professores	38
5.3 Proposta pedagógica: Lendas maranhenses – mediações de leituras através do teatro	46
5.4 Atividades desenvolvidas na escola	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES	62
ANEXOS	78

1 INTRODUÇÃO

O ensino da literatura infantojuvenil no âmbito escolar provém desde o seu surgimento por volta do século XVIII, tendo como centralidade a problemática da relação técnica-pedagógica. Com isso, condicionou a literatura como um apêndice do ensino da Língua Portuguesa em detrimento da literatura como formação de leitores literários.

Contudo, com os avanços dos estudos da crítica literária, sobretudo, nas últimas décadas do século XX, surgiram novas perspectivas para o ensino da literatura infantojuvenil, entre as quais a da formação do leitor literário sob a ótica do letramento. Para os defensores do letramento literário, a leitura pode ser livre e prazerosa, porém reconhecem que, o ensino da literatura na escola, necessita de estratégias de leituras e de procedimentos que privilegie o gênero literário. Assim, para tornar esse processo mais atrativo, o professor pode criar várias estratégias de leituras para intercambiar leituras literárias, adotando a utilização de procedimentos metodológicos tais como: roda de leitura, recital de poesia, café literário, dramatização, teatro de boneco, entre outros. Nesse contexto, analisou-se as diversas estratégias adotadas para o trabalho do gênero literário infantil na sala de aula, entre as quais a roda de leitura com obras sobre lendas maranhenses.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental o teatro de bonecos é sempre bem aceito pelo público infantil, cujo caráter lúdico favorece a inserção da criança nas práticas de leituras literárias mais sistematizadas. Enquanto na atividade teatral de bonecos emprega-se saberes e as técnicas como a contação de manipulação, gestualidade, som, voz, performance, jogar de olhos, fluidez das mudanças das mãos, etc., nas práticas de mediações de leituras de textos literários poderão seguir vários roteiros.

Nesse sentido, o interesse da presente pesquisa recaiu para o teatro de bonecos como ponto de partida para atrair o aluno para as leituras de obras infantis com a temática lendas maranhenses. Trata-se de um trabalho que, por um lado, investigou como a mediação da leitura literária através do teatro de bonecos com lendas maranhenses propicia o trabalho do letramento literário em sala de aula.

Por outro lado, este estudo dialoga com o projeto de extensão Bolsa Cultura “Teatro de Bonecos com Lendas Maranhenses” o qual atuamos como voluntárias.

Assim, também converge com a ideia de que as obras literárias voltadas para o público infantojuvenil com o tema lendas maranhenses, raramente, são socializadas no espaço escolar. Desse modo, a problemática deste estudo incidiu no seguinte questionamento: Como o teatro de bonecos com lendas maranhenses favorece o desenvolvimento do letramento literário em sala de aula?

Além disso, fundamentou-se nos estudos dos seguintes autores: Cosson (2021), Zilberman (2012), Colomer (2007), Palo e Oliveira (2006), Abramovick (1997), Soares (2009), Dohme (2017), Santos (2015), dentre outros. Nesse sentido, para uma melhor organização do trabalho, este foi dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo refere-se à introdução, enquanto o segundo aborda o contexto histórico da literatura infantil, incluindo seu surgimento e suas contribuições no contexto escolar, entre outros aspectos.

No terceiro capítulo, apresentamos uma abordagem histórica e conceitual sobre o letramento literário, bem como os fundamentos teóricos e práticos para sua aplicação em sala de aula. Além disso, discutimos as contribuições da contação de histórias com teatro de bonecos para a formação do leitor literário. No quarto capítulo, abordamos os procedimentos adotados para a elaboração do estudo, incluindo os instrumentos utilizados, o tipo de pesquisa, os participantes, entre outros aspectos.

No quinto capítulo, apresentamos os resultados e as discussões relativas à pesquisa, incluindo a caracterização da escola, a percepção dos professores quanto à utilização da contação de histórias por meio do teatro com lendas maranhenses, além da descrição das atividades realizadas na escola. Por fim, as considerações finais, onde realizamos uma síntese das atividades desenvolvidas, bem como a conclusão dos resultados obtidos.

2 OS ENLACES DA LITERATURA INFANTIL COM A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O estudo da literatura infantil e a formação do leitor remete ao seu surgimento e a escola como organização social. As primeiras obras literárias infantis publicadas ocorrem por volta do século XVIII, devido a nova valorização da infância e o desenvolvimento pedagógico destinado à criança.

Com efeito, a escola passa a ser a instituição encarregada de educar, tendo a literatura infantil como meio para formação leitora. A partir de então, ler e como ler a literatura na escola tem gerado debates, tanto acerca da qualidade das obras, quanto ao ensino literário.

No contexto da qualidade das obras literárias infantil, Lajolo e Zilberman (2007) observam que, desde a publicação dos primeiros livros de literatura infantil, há implicitamente o caráter mercenário. Essa questão gerou desconfiança de setores especializados da crítica literária, pois as obras sofrem concessões externas de cunho social e mercadológico. Porém, sem essas concepções, a literatura não subsiste ao ofício, limitando-se assim a liberdade criativa da obra.

Segundo Palo e Oliveira (2006), a produção de livros literários que pautam em ideologia tendem a ganhar mercado no plano escolar, mas perde na qualidade estética. Para tanto propõe produção de obras mais arrojadas como as que estão sintonizadas no pulsar das vias do imaginário. Desse modo, a criança poderá mergulhar no mundo da leitura múltipla e diversificada em que ela levanta hipótese, constrói analogia e adquire experiências de leituras literárias.

No que diz respeito à formação leitora, segundo Hunt (2010), está relacionado ao livro e que, as crianças são leitores em desenvolvimento. Assim, enquanto os leitores adultos conhecem as regras do jogo e compartilham conhecimentos e atitudes; as crianças-leitoras lerá textos e construirá sentidos, possibilitando seguir o seu próprio caminho, criando formas de ver ao mundo.

Na prática escolar, ler literatura recai estratégias como: leitura livre e leitura obrigatória, leitura individual e leitura coletiva, etc. Por outro lado, recai em concepção é o caso do utilitarismo (ler para alfabetizar), formação literária e letramento literário. Neste estudo, o interesse foca no letramento literário, no sentido que propõe Cosson (2021), ou seja, em trazer a literatura para dentro da escola de forma que esta não perca o verdadeiro sentido, que é humanizar.

Nesta sessão, abordaremos dois pontos que trazem o entendimento do processo que contribuíram para o surgimento da literatura infantil. No primeiro trataremos da evolução histórica da literatura infanto juvenil e no segundo, o ensino literário e a formação leitora.

2.1 Literatura Infantil: contexto histórico

O advento da literatura infantil vincula-se, num primeiro momento, ao classismo francês, no século XVII, com as primeiras obras destinadas às crianças, como *Fábulas* (editadas em 1668 e 1694), de La Fontaine; *As Aventuras de Telêmaco* (1717), de Fénelon; e os *Contos da Mamãe Gansa* – com título original de *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades* (editados em 1697). Contudo, historicamente, demarca o surgimento da literatura infantil ao advento da nova concepção de infância.

A concepção de infância como uma fase única da vida é um fator que nem sempre existiu ao longo da história. Na idade Média, a percepção das crianças era marcada por uma visão que as considerava essencialmente como "pequenos adultos", com suas características infantis sendo muitas vezes desprezadas. O que diferenciava as crianças dos adultos era predominantemente o tamanho físico, e não a sua capacidade de raciocínio ou a sua experiência de vida (Ariès, 1986).

No entanto, com o passar do tempo, ocorreram transformações significativas nos pensamentos acerca da infância, resultando em uma nova concepção sobre o papel das crianças na sociedade, reconhecendo-as como detentoras de direitos, com demandas e capacidades únicas. Zilberman (2012, p.16) menciona que:

A criança [...] passa a ser objeto de maiores cuidados, em virtude, de um lado, do papel potencial que desempenha no mercado consumidor; de outro, porque sua sadia formação intelectual e afetiva é uma das preocupações centrais da sociedade de maneira geral, da família e da escola em particular.

Neste contexto, há vários movimentos em ascensão, além da nova concepção de criança que modifica a estrutura, há a Revolução Industrial e a solidificação da classe média. Portanto, é partir desse momento que ocorre o surgimento da literatura infanto juvenil, por volta do século XVIII, período em que as mudanças social e política provocaram efeitos no âmbito artístico e cultural. “Nesse contexto, aparece a literatura infantil; seu nascimento, porém, tem características próprias, pois decorre da

ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola” (Zilberman, 2012, p. 26). Desse modo, a literatura infantil surge mais para atender aos anseios das instituições como a família burguesa e a escola do que a própria literatura.

A organização familiar burguesa ao valorizar a nova concepção de infância, passa a dar mais atenção à criança e, conseqüentemente, a requerer e consumir produção cultural destinada a ela. Com efeito, a literatura infantil estava comprometida com a dominação do adulto sobre a criança e com a divulgação dos princípios civilizatórios moralizantes da época, razão sobre a qual tornou-se mais importante educar do que fazer fluir o literário.

A exemplo da família, a escola é vista como uma instituição natural de mediação entre criança e sociedade. Conforme Lajolo e Zilberman (2007), tanto a família como a escola passam a constituir as principais instituições de consumo de obras impressas e, por conseguinte, o adulto será o mediador na leitura e interpretação dessas obras.

Do lado brasileiro, segundo Lajolo e Zilberman (2007), a literatura infantil aparece por volta do século XIX e segue o mesmo padrão europeu, porém com certo atraso. As primeiras obras publicadas surgem após a implantação da Imprensa Régia e são traduções das obras em circulação na Europa. As aventuras pasmosas *do Barão de Munhausen* (1808) e da coletânea de José Saturnino da Costa Pereira *Leitura para meninos* (1818), contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural, estão entre as principais obras traduzidas.

Essa série de adaptações europeias permeiam também o século XX, dentre as quais, os *Contos da Carochinha e Histórias da Avozinha*, de Figueredo Pimentel, que passaram a ser referência para a produção de livros infantis nacionais. Tais obras seguem os mesmos padrões do moralismo pedagógico que, logo encontrou lugar cativo na produção de livros destinadas a crianças e jovens. Além da proposta educativa de cunho nacionalista e o tradicionalismo moralizante, as obras trazem a proposta didáticas.

Segundo Zilberman (2009) deve-se a classe média brasileira do século XX as reivindicações políticas e, conseqüentemente, a produção de obras para atender as demandas educacionais da época. “O aparecimento dos primeiros livros para as

crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente” (Zilberman, 2009, p.15). Contudo, o problema é que os escritores brasileiros não tinham atrás de si uma tradição para dar continuidade, uma vez que ainda não se escreviam livros para criança no Brasil. As soluções encontradas foram traduzir obras estrangeiras, adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos, reciclar material escolar e apelar para as tradições popular.

Portanto, assim como na Europa, o Brasil segue os padrões da literatura infantil para atender mais os padrões pedagógicos, do que o literário gerando assim um fortuito debate acerca da finalidade da literatura infantil no contexto escolar. Veremos a seguir como ocorre esse embate entre o literário versus pedagógico.

2.2 A leitura literária infantil no espaço escolar

Desde o seu surgimento, a literatura infantil exerce a função educativa no espaço escolar e, com isso, exerce o caráter pedagógico. Contudo, essa posição gerou debates, entre os quais a função pedagógica e à função literária e como a literatura é ensinada no espaço escolar.

Concernente à função pedagógica versus a função literária. Segundo Zilberman (2012), Baumgartner denuncia que o novo gênero surge com as motivações educativas e não as literárias. “O que chamamos de literatura infantil ‘específica’, isto é, os textos escritos exclusivamente para crianças, tem sua origem primariamente não em motivos literários, mas pedagógico” (Baumgartner, 1978, Apud Zilberman, 2012, p. 44). Essa questão tem gerado reflexões sobre a natureza congênita da literatura infantil.

Zilberman (2012) explícita que duplicidade congênita à natureza da literatura ocorre porque, de um lado, por transmitir normas e envolver-se com uma formação moral, ela é percebida sob a ótica do adulto, razão sobre a qual desvela-se sua participação no processo de dominação do jovem, assumindo um caráter pedagógico; de outro lado, quando se compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que lhe facilita a ordenação de experiências existenciais, através do conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico.

Como se pode observar, a literatura infantil possui um mundo o qual vai além dos ditames pedagógicos, pois lida com elementos para conquistar a compreensão do real: a história e a linguagem, que é o mediador entre criança e mundo. Nesse caso: “O ler relaciona-se com o desenvolvimento linguístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, com a credulidade na história e a aquisição do saber” (Zilberman, 2012, p. 46). Mas, pelo fato de a literatura apresentar um caráter educativo, abre a possibilidade para o adulto estabelece conexões com a pedagogia afim de propiciar ensinamentos acerca do mundo.

Não obstante, ao analisar a duplicidade congênita da literatura infantil, Coelho (2000, p. 27) observa que o equilíbrio dessa balança ocorre através da produção dos livros, portanto, há “[...] literatura para divertir, dar prazer, emocionar... e que, ao mesmo tempo, ensina novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar... E principalmente se mostra que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida”. Nesse contexto, o essencial é selecionar obras com qualidade literária.

Contudo, nos deparamos com uma outra questão que é a produção de livros que tendem a trocar o estético pelos apelos do mercado, conforme observa Palo e Oliveira (2006, p. 11): “Desnecessário se torna falar dessa qualidade literária à margem de um contexto de produção que se nega a especular sobre a natureza sensível da linguagem infantil; ao contrário, troca o inventar poético pelo modelo consumista do discurso literário”. Logo, trabalhar o ensino da literatura infantil envolve a seleção das obras e, conseqüentemente, a linha teórica a qual irá subsidiar as práticas da leitura em sala de aula.

Na proposta de Palo e Oliveira (2006), a escola precisa superar o ensino da pedagogia utilitarista, ou seja, a literatura como meio de atividade de leitura responsável pela decodificação da mensagem e, consoante a isso, transferindo à experiência do usuário o modo de pensar, sentir e agir. Para as autoras, a leitura literária deverá privilegiar o uso poético que também é uma forma de pedagogia, pois “[...] mais aprende do que ensina, atenta a cada modulação que a leitura pode descobrir por entre o traçado do texto. Ensinar breve e fugaz que se concretiza no fluir e refluir do texto.” (Palo e Oliveira, 2006, p. 13-14).

Para Zilberman (2012) o ensino da literatura não se destina, exclusivamente, a ler corretamente ou o domínio dos códigos que permitem o domínio mecânico da leitura.

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão, com todo o tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, complementar à recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre essa significação e a situação atual e histórica do leitor (Zilberman, 2012, p. 22).

Note-se que há uma distinção entre “recepção” e “compreensão”. Enquanto a recepção se refere ao ato de receber ou consumir uma obra, a compreensão implica em um envolvimento mais profundo, onde o leitor busca discernir significados. Ou seja, o leitor se torna um participante ativo na construção dos sentidos. Portanto, ainda, conforme Zilberman (2012) ensinar literatura não implica ler os traçados dos textos e, por conseguinte, a mecânica da codificação e decodificação das palavras, mas ensinar o deciframento e a compreensão do texto. Esse processo ocorre pelo estímulo à verbalização da leitura procedida.

Já Cosson (2021) postula que o ensino da literatura deve favorecer o letramento literário. Trata-se de uma abordagem que privilegia a prática social e a escola é a agência responsável por promovê-la, cujo propósito é estreitar cada vez mais as relações entre a leitura (prazerosa e formadora) e o aprendiz. O autor defende que as leituras das narrativas oferecem ao leitor mirim a compreensão do seu mundo interior, como também uma base para formação autônoma e crítica acerca do mundo exterior. A literatura oferece a exploração das várias potencialidades da linguagem, que por sua vez é um dos corpos que nos faz humano. “Nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante. Somos a mistura de todos esses corpos” (Cosson, 2021, p. 15).

Nessa perspectiva, a literatura é o meio de exercício do corpo linguagem, assim como existe o exercício para o bem-estar do corpo físico. A relevância da literatura no exercício desse corpo linguagem nas crianças reside em seu impacto direto no desenvolvimento cognitivo e linguístico, crítico, estímulo à criatividade e imaginação, educação moral e ética, conhecimento de mundo e vontade de conhecer e desbravar coisas por conta própria, possibilitando assim, não só a evolução da sua imaginação como também a percepção de si mesmo. No contato com a literatura, a criança

descobre várias possibilidades, sentir experiências que muitas vezes não são suas, mas que podem experimentá-las por meio da ficção.

3 LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL

O estudo acerca do letramento despertou interesse em vários campos de saberes, razão sobre a qual denominar-se letramentos. Mas, curiosamente, o sentido etimológico remete ao termo latino “*littera*” que significa letra.

De modo geral letramento implica na capacidade de ler e escrever de forma contextualizada, ou seja, de acordo com as práticas. Desse modo, o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (Kleiman 1995, p. 19). Portanto, trata-se de um processo que envolve múltiplas leitura, pois cotidianamente estamos em contato com diversos gêneros textuais que vão desde o romance, fábulas a uma bula de remédio.

Contudo, neste estudo, o interesse recai no letramento literário no sentido que postula Cosson (2014), em vivenciar a produção artístico-ficcional. Por isso, “é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária” (Cosson, 2014, p. 23). Mas como ocorre o letramento literário? Não se trata de receitar um manual de como ler literatura, mas aportar possíveis possibilidades de vivenciar o gênero literário no contexto escolar.

Nesta sessão, trataremos num primeiro momento, os fundamentos teóricos e práticos do letramento literário. Partiremos da abordagem conceitual e histórica do letramento e, logo após, aprofundaremos acerca do letramento literário. Em seguida abordaremos a contação de histórias através do teatro de bonecos como possibilidade de vivência literária na Educação Infantil.

3.1 Letramento literário em sala de aula: fundamentos teóricos e práticos

Os estudos do letramento literário são recentes, cuja significação está atrelada ao conceito do letramento. Portanto, requer que se busque, primeiramente, o entendimento conceitual e histórico da palavra letramento para em seguida tratarmos dos fundamentos teóricos e práticos do letramento literário.

No âmbito conceitual, a palavra letramento provém da expressão inglesa *literacy*, cuja etimologia remete ao termo em latim *littera*, que significa “letra”. Ambas as línguas utilizaram como prefixo a palavra latina e acrescentaram um sufixo para formar um novo conceito.

Ademais, segundo Soares (2016, p. 17) “a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo -cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. [...] *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Ainda segundo a autora “[...] no *Webster’s Dictionary*, *literacy* tem a acepção de “*the condition of being literate*”, a condição de ser *literate*, e *literate* é definido como “*educated; especially able to read and write*, educado, especialmente, capaz de ler e escrever” (Soares, 2006, p. 17). Nesse contexto, enquanto *literate* diz respeito ao domínio da leitura e da escrita; *literacy* refere ao estado ou condição daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. Esse é, pois, o sentido que tem a palavra letramento, que “traduzindo “ao pé da letra” o inglês *litteracy*: letra-, do latim *littera*, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação” (Soares, 2006, p. 18).

O letramento também surge na perspectiva de práticas sociais. Assim, Soares (2009, p. 72) define que o:

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

A autora destaca a importância de olhar para o letramento como parte integrante da vida social e cultural das pessoas, reconhecendo que o significado e a função da leitura e da escrita variam de acordo com o contexto em que estão inseridos. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre a alfabetização e o letramento, reconhecendo a complexidade das relações sociais que os envolvem. Dessa maneira, o letramento se dirige para além das habilidades de apenas ler e escrever, contribuindo também para demandas em contextos sociais.

Para Marcuschi (2001, p.26), “o letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos”. Sob essa óptica o letramento abarca tanto as práticas formais, quanto as práticas informais da apropriação da leitura

e da escrita, porém é no contexto escolar que os exercícios de letramentos adquirem o caráter de sistematização.

Historicamente, no Brasil, a palavra letramento surge pela primeira vez na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986) de Mary Kato, por volta da metade dos anos de 1980. A partir de então, outros pesquisadores passaram a adotá-lo, dentre os quais, L.V Tfouni, na obra *"Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso"* (1988); A. Kleiman *"Os significados"* (1995); Magda Soares, na obra *"Letramento: um tema em três gêneros"* (1988) e R. Rojo na obra *"Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas"* (1998). No cenário atual, o letramento vem ocupando várias áreas de conhecimentos, razão pela qual diz-se que vivemos numa sociedade que demanda várias práticas de letramento.

Em se tratando de letramento literário Zappone (2008, p. 52) explicita que o conceito de letramento está atrelado aos estudos literários, haja vista que o letramento compreende um conjunto de práticas que fazem uso da escrita para fins e em contextos específicos. Para tanto, faz-se necessário respeitar as especificidades dessa forma textual. Nesse contexto, Zappone (2008) afirma que:

Se considerarmos a literatura como um tipo de escrita que se especifica e se distingue de outros tipos de escrita, o conceito de letramento mostra-se bastante produtivo para o entendimento de alguns aspectos que tangem os modos de produção, recepção e circulação da literatura e consequentemente, seu ensino (Zappone, 2008, p. 52).

Como se pode observar, o letramento literário possui especificidades os quais distingue de outros textos. A compreensão dos modos de produção, que, atualmente, são mais arrojados, recepção e circulação envolve uma rede de elementos integrantes, capazes de potencializar o alcance da leitura. Assim, em linhas gerais, "O letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade" (Zappone, 2008, p. 53). Portanto, a leitura literária possui especificidades as quais distingue de outros tipos de textos.

Cosson (2021) postula que o letramento literário é diferenciado dos outros tipos de letramento, pois compete à literatura "[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas" (Cosson, 2021, p. 17). É através da literatura que somos inseridos no mundo da escrita, visto que conduz o domínio da palavra, razão sobre o

letramento literário ser um processo singular. Sabendo disso, Sousa e Cosson (2011) afirmam que:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular (Souza e Cosson, 2011, p. 102).

Dessa forma, o letramento literário envolve uma experiência de imersão no texto literário, onde os leitores desenvolvem sensibilidade para as diferenças de linguagem, metáforas, símbolos e para o prazer da leitura. Isso faz do letramento literário um processo formativo que enriquece a percepção crítica e criativa do indivíduo.

Além disso, Souza e Cosson (2011, p. 106) mencionam que o principal objetivo do letramento literário nas escolas é formar “um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive”. Nesse sentido, o papel da escola no letramento literário é crucial, pois oferece as ferramentas necessárias para que os estudantes compreendam e participem de forma ativa no mundo em que estão inseridos. Revelando-se não apenas como um instrumento de alfabetização, mas como uma porta de entrada para a complexidade e riqueza da experiência humana. Portanto, ao considerarmos o letramento literário como um aspecto fundamental da educação, estamos reconhecendo a importância de formar indivíduos capazes de ler o mundo e a si mesmos através das lentes da literatura.

Em termos práticos, existem diversas experiências de letramento literário desenvolvido na escola. Cosson (2021), por exemplo, apresenta procedimentos que efetivam essa proposta. O autor sugere duas formas de organização para essa prática: uma sequência básica e outra expandida, além de atividades que podem ser trabalhadas em forma de oficinas como: a flor do seu nome, baile de máscara, o visitante, feira literária, diários, entre outras. Todas essas atividades “[...] tem como centro a formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário” (Cosson, 2021, p. 120). As experiências

compartilhadas pelo autor demonstram resultados positivos do trabalho do letramento literário em sala de aula.

Cosson (2021) aplicou essas estratégias em uma escola que enfrentava dificuldades para a aquisição do letramento literário, obtendo resultados positivos ao implementar as etapas da sequência básica, que incluem: motivação, introdução, leitura e interpretação. Dito isso, "A prática do letramento literário, é como a invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula" (Cosson, 2021, p. 120). A estratégia da sequência básica é apenas um dos modelos que os professores podem utilizar em suas aulas de literatura, podendo ainda incrementá-la com novas adaptações, cabe ao professor adequar de acordo com a realidade e vivência dos alunos.

Ao analisar as respostas de alguns professores do ensino médio a respeito da sequência básica, tão bem aceita pelos alunos do ensino fundamental, Cosson (2021) percebeu que para esses parecia faltar "a aprendizagem sobre a literatura". Então, propôs algumas alterações na sequência básica, que mais tarde se tornou uma sequência expandida. Para demonstrar sua funcionalidade, o autor escolheu como exemplo "O cortiço". Essa obra já fazia parte do cotidiano dos alunos do nível médio.

Diante disso, esse trabalho de letramento literário em sala de aula prosseguiu com as seguintes etapas estratégicas da sequência expandida: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, contextualização teórica, contextualização histórica, contextualização estilística, contextualização poética, contextualização crítica, contextualização presentificadora, contextualização temática, segunda interpretação e expansão.

Ao final, notou-se um avanço significativo na produção literária e na compreensão de textos que antes os alunos julgavam como literatura "séria" demais. Convém ressaltar que a estratégia empregada por Cosson (2021) pode ser empregada em todas as etapas da Educação Básica, porém, faz-se necessário algumas adaptações.

Colomer (2007), parte do princípio de que o objetivo da formação do leitor literário é contribuir para a formação da pessoa, razão sobre a qual implicar no processo de sociabilidade do indivíduo "[...] realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem" (Colomer, 2007, p. 15). Nesse sentido, deve-se levar em conta que a leitura no espaço escolar exerce

um duplo sentido: o de informar e o de formar pessoas, recorrendo de forma conjunta a aprendizagem didática e a leitura de entretenimento.

Embora não exista uma norma fixa de como trabalhar a leitura literária no espaço escolar, Colomer (2007) sugere alguns caminhos, dentre os quais o de despertar o prazer pela leitura o qual propicia o acúmulo de experiências; o de desenvolver o prazer de ler literatura o qual só é possível quando aprendemos a distinguir o que é obrigatório e o que nos é prazeroso para não deixarmos de lado hábitos que fazem parte do nosso lazer e por fim, a necessidade dos professores refletirem a maneira que utilizam o livro e juntos procurarem meios para que as novas gerações transitem por várias possibilidades de interpretação e compreensão e desfrute do mundo que a literatura dispõe.

Os estudos sobre letramento literário desenvolvidos por esses autores destacam a relevância da leitura consciente e crítica, orientada por um propósito específico. A significância do ato de ler não se limita apenas ao conteúdo da leitura, mas ao objetivo que a fundamenta. Nesse contexto, o docente assume um papel fundamental no desenvolvimento da competência literária de seus discentes, uma vez que a apresentação de uma obra literária está sempre vinculada a uma finalidade pedagógica.

Essa finalidade, por sua vez, está intrinsecamente relacionada às interpretações e aprendizagens que os alunos construirão a partir do texto. O letramento literário emerge, sobretudo, da abordagem e das perspectivas adotadas pelo professor em relação à obra selecionada somado aos resultados visíveis dos alunos. Diante disso, destaca-se a relevância para a sociedade de um leitor literariamente letrado. Conforme Lajolo (2000):

É a literatura, como linguagem e instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (Lajolo, 2000, p. 106).

Com essa perspectiva, ressalta-se a importância da literatura na formação dos cidadãos, especialmente no contexto escolar. Com sua função social, a literatura representa valores e ideias coletivas, atuando como mediadora na busca por soluções para problemas. Por meio da análise e do debate, ela se torna essencial para a

transformação da realidade social. Nesse viés, Paulino e Cosson (2009) chamam atenção para as vivências e aquisição de conhecimento do mundo ao seu redor que se passam:

[...] tanto no plano individual quanto no social, pois o (re)conhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo contribuem para compor, convalidar, negociar, desafiar e transformar padrões culturais, comportamentos e identidades à medida que nos levam a viver muitas possibilidades de experiência que só a liberdade de um mundo de palavras pode oferecer (Paulino; Cosson, 2009, *apud* Silva, 2020, p. 02).

Assim, além do ler, o leitor deve ser capaz de gerar uma reflexão autônoma, de forma coa- intertextualidade mútua com outrem através da dialética, para sê um “argumentador” ou “dialogador” e não seja apenas um objeto a ser massacrado por uma avalanche de informações.

3.2 A contação de histórias através do teatro de bonecos e o letramento literário

Contar histórias é uma prática milenar que transcende culturas e gerações, sendo uma forma poderosa de comunicação e expressão. Ela envolve a narração oral de histórias, que podem ser históricas, mitológicas, pessoais ou fictícias, e tem o poder de conduzir os ouvintes para diferentes mundos, estimulando sua imaginação e criatividade. Neste aspecto, Busatto (2003) declara que:

Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão. Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um (Busatto, 2003, p. 87).

Note-se que a contação de histórias constitui um meio de transmitir costumes, tradições e valores fundamentais para a formação pessoal. Ela ressalta que essa prática não é apenas um simples relato, mas sim uma experiência que cria um ambiente rico em emoções, onde tanto o narrador quanto o ouvinte se transformam. Abramovich (1997) destaca que a prática da contação de histórias surge como um dos primeiros contatos da criança com a literatura. Desse modo, afirma que:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós. contando contos de fada, trechos da Bíblia,

histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia — numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo - ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada (Abramovich, 1997, p.16).

A contação de histórias permite que a narrativa ganhe vida através da entonação, das expressões faciais e do envolvimento emocional do narrador. Além disso, desempenha um papel importante na formação do gosto pela leitura. Ao vivenciar narrativas envolventes desde cedo, as crianças desenvolvem uma curiosidade genuína pelo mundo dos livros e das letras. Abramovich (1997, p.17) descreve que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve — com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

A contação de histórias não só estimula a imaginação, mas também desenvolve habilidades críticas e analíticas, fundamentais para a formação de um pensamento reflexivo. De acordo com Silveira (2008, p. 30):

Os benefícios de uma contação de histórias são apontados como um importante auxiliar na formação das crianças, na compreensão e assimilação dos significados, assim como no desenvolvimento das práticas leitoras. As crianças que escutam as histórias incorporam uma atitude analítica exemplificada pelo orador, por meio de seus comentários e problematizações durante a contação de histórias, permitindo o desenvolvimento do seu senso crítico. Admitimos, também, que a leitura de histórias em voz alta constitui uma oportunidade favorável ao desenvolvimento do vocabulário; o contexto verbal das histórias, assim como a entonação e o ritmo do leitor, constitui uma fonte rica para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Esse pensamento enfatiza que a contação de histórias se revela como uma prática pedagógica de suma importância no desenvolvimento integral da criança, desempenhando um papel essencial na formação de habilidades cognitivas, linguísticas, sociais, emocionais e culturais. Ao mesmo tempo, essa prática aproxima os ouvintes da literatura e da leitura, facilitando o acesso ao letramento literário e promovendo uma compreensão mais profunda sobre o mundo. Desta forma, a contação de histórias se configura como um meio bastante eficaz para o desenvolvimento do letramento literário, contribuindo significativamente para a formação de sujeitos letrados e críticos.

No entanto, contar histórias apenas por contar, se torna algo enfadonho. Diante disso, devemos buscar meios para elevar essa prática e torná-la mais envolvente. Inicialmente, é de suma importância fazer a leitura e conhecer a história antes do ato da contação. Abramovich (1997, p.18) afirma que “para contar uma história – seja qual for – é bom saber como faz”. Portanto, é preciso estar adepto aos saberes e técnicas adequadas é fundamental para uma contação de histórias eficaz. Alga Marina Elizagaray diz uma coisa importante: “o narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuose que sabe seu texto, o que tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema” (Elizagaray, 1979, *apud* Abramovich, 1997, p. 20).

Conforme Abramovich (1997, p.21), para uma boa contação:

[...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...

A autora também menciona que é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz, como:

[...] sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos... Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o "Então...", para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição... (Abramovich, 1997, p. 21).

Além dos saberes e técnicas, o contador contemporâneo tem a possibilidade de recorrer a inúmeros recursos de forma a incrementar esse momento de contação, dentre os quais a utilização de baú de histórias, prateleiras com livros infantis, tapete de feltro colorido com recortes dos personagens da história, fantoches, saia literária, dedoches, varal ou avental de histórias, caixa cenário. Tais mecanismos são excelentes para possibilitar a viagem do receptor na história, estimulando a imaginação e facilitando a concretização das fantasias.

Para Dohme (2017), os fantoches são muito apreciados pelas crianças e apresenta várias possibilidades na sua utilização. Pode ser usado por mais de um

narrador. Permite o emprego de um roteiro escrito, o que facilitará a tarefa. Além disso, os fantoches podem ser usados de forma interativa com as crianças.

Uma das razões para adotar a estratégia do fantoche é a capacidade de mobilidade. Isso permite apresentar em vários espaços como praças, escolas, clubes, teatro etc. Além disso, os bonecos são variados: bonecos de mão ou de luva, mamulengos, bonecos de vara, marionetes ou bonecos de fios, teatro de sombra, bonecos de espumas, entre outros. Santos (2015) enumera os seguintes: marionetes, fantoches, ventríloquo, sombras e negros.

Conforme Santos (2015, p. 19):

Os fantoches são conhecidos também como bonecos de mão ou bonecos de luva. É que neste caso não existem cruzetas e fios. O boneco é vestido nas mãos como se fosse uma luva. O dedo indicador faz às vezes do pescoço – dando suporte à cabeça; e os dedos polegar e anular fazem às vezes dos braços. No palco, o boneco adquire vida própria através das mãos do manipulador. Contar histórias e transformar a vida em magia, graças ao poder de atrair o público.

Neste trabalho, o interesse recai nos bonecos de espumas, haja vista a sua versatilidade. Com os bonecos de espumas há possibilidade da manipulação assumida, onde o manipulador aparece junto com o boneco e a manipulação onde aparece apenas os bonecos. O resultado é um espetáculo cênico fascinante. Diante disso, o interesse do presente estudo, incidiu sobre o teatro de fantoches.

No que diz respeito ao teatro de bonecos, acredita-se que, desde os povos primitivos, já havia o encantamento com a projeção de sombras das fogueiras. Com o passar do tempo, os povos começaram a modelar bonecos, porém, os primeiros registros da prática teatral com os bonecos devem-se aos gregos. É na antiguidade grega que surgem os bonecos articulados que, além da importância cultural, possuíam conotações religiosas.

Segundo Santos (2015), o teatro remete aos povos da pré-história, porém, da forma como conhecemos hoje, originou-se com os gregos. Primeiramente, na forma de ritual ao deus Dionísio e com o passar do tempo passou a ser incorporado ao Estado. Todavia, o teatro foi se conformando às necessidades dos povos, cuja longevidade deve-se a essa flexibilidade. Atualmente, o teatro de boneco sobrevive em meio às outras atividades artísticas e assume fisionomia e espírito dramático bem diferenciado, conforme da localização geográfica, tradições culturais, crenças e costumes.

Três pontos são essenciais no teatro de bonecos: a existência de um ator que manipula e dá vida ao boneco, a existência de um texto que gravita em torno de um conflito e a existência de uma plateia – sem plateia não existe teatro (Santos, 2015). Uma das técnicas empregadas no uso dos fantoches é o movimento. Quando bem manipulados pode conversar horas com o público infantil, sem cansá-lo. Nas apresentações para criança a fantasia é um princípio fundamental, pois ela interage com naturalidade com os bonecos.

Deste modo, a fantasia permite que as crianças sejam transportadas para um mundo de imaginação e criatividade, onde os bonecos se tornam personagens reais. Dessa forma, a interação entre as apresentações e o público infantil criam um ambiente de envolvimento e participação, enriquecendo a experiência das crianças, tornando-as inesquecíveis.

Mas como a contação de histórias através do teatro de bonecos contribui para o letramento literário? Contar histórias imprime competências e uma relação efetiva entre contador e ouvinte e, nesse contexto, abre a possibilidade para a formação do leitor literário. No entanto, podemos observar, que a efetivação do letramento literário está intrinsecamente ligada às estratégias que são tomadas após a contação. De acordo Brodbeck, Costa e Correa (2013):

Entre as diferentes atividades didáticas que são propostas pela escola, chamamos a atenção para o conjunto de preposições que visam à formação dos leitores críticos. Portanto, as atividades precisam ser consequência de um planejamento significativo que possibilite o conhecimento das etapas do processo de leitura, resultando no domínio pleno da leitura. (Brodbeck; Costa e Correa, 2013, apud Silva; Silva, 2020, p. 19)

Nesse sentido, o professor precisa planejar e traçar os objetivos que deseja alcançar com as atividades aplicadas. Seguindo o mesmo pensamento, Cosson (2021), menciona que:

[...] o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar e por que ensinar desta ou daquela maneira, isto é, elas devem estar integradas em um modo significativo (Cosson, 2021, p. 121).

Diante disso, para que a contação de histórias através do teatro de bonecos possa alcançar de fato o letramento literário, precisamos ter uma metodologia estabelecida, pois “sem uma direção teórica e metodológica estabelecida, podem até entreter os alunos e diverti-los, mas certamente não apresentarão a efetividade

esperada de uma estratégia educacional” (Cosson, 2021, p. 121). Nesse sentido, é essencial que se realize um planejamento estratégico, com a definição clara de objetivos, pois “cabe ao professor criar oportunidades e fazer interações adequadas para que o aluno avance nesse processo construtivo” (Silva; Silva, 2020, p. 20).

É interessante ressaltar que

não sejam tomadas como estratégias destinadas apenas a explorar o texto, mas sim como recursos para envolver o leitor com o texto e, por meio desse desenvolvimento, promover a construção literária dos sentidos, isto é, o letramento literário (Cosson, 2014, p.116).

Concisamente, a proposta de utilizar estratégias que transcendem a mera exploração do texto literário dirige-se para a centralidade do leitor no processo de construção de sentidos. Quando priorizamos o envolvimento interpretativo e reflexivo, essas abordagens contribuem significativamente para o letramento literário.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Com vista a alcançar os objetivos, a presente pesquisa, adotou como método de abordagem a pesquisa quanti-qualitativa tendo em vista a possibilidade de melhor análise e maior profundidade das informações coletadas. Para tanto, abarcou-se duas etapas:

primeiramente é conduzida a fase qualitativa para se conhecer o fenômeno estudado. De posse dessas informações, parte-se para a construção de um questionário fechado e aplicado no setor. Depois da tabulação, é feita a análise dos dados com auxílio de instrumentos estatísticos (Silva, 2014, p.20-21).

Os procedimentos de investigação adotados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação. A pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p.44), ocorreu a partir das seguintes etapas: levantamento da bibliografia, leituras de obras selecionadas, fichamento e organização lógica do assunto.

A partir disso, seguimos para a pesquisa-ação. Segundo Thiolllet (apud Gil, 2002, p. 55), a pesquisa-ação “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”. Logo, a pesquisa-ação é interativa, pois não visa apenas coletar e mensurar dados, mas propor ações e adquirir experiências com a finalidade de transformar a realidade.

Na coleta de dados as técnicas adotadas foram a aplicação de questionário e a observação participante, cuja análise e interpretação de dados coletados, seguiu-se o descritivo. Conforme Gil (2002), a análise e interpretação de dados estão estritamente relacionados e refere-se à relação entre os dados empíricos e o arcabouço teórico, de modo que, os resultados da pesquisa sejam reais e significativos. Desse modo, a descrição empreende descrever com clareza e precisão o fenômeno pesquisado.

Assim, na pesquisa-ação adotou as seguintes etapas: exploratória, formulação do problema, entrevista semiestruturada, coleta de dados, análise e interpretação dos dados e a elaboração do plano de ação. O plano de ação culminou na elaboração da proposta pedagógica intitulada: Lendas Maranhenses: Mediações de Leitura por meio do Teatro. Esta proposta se materializou no processo de contação de histórias por meio do teatro de bonecos, sendo estruturada em três etapas fundamentais:

planejamento (que envolve a catalogação, leitura e mapeamento das obras, seguidos pela transcrição para a dramaturgia); ensaios; e apresentação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Caracterização da escola campo

As atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Ferdnan Gutman, localizada na Rua do Carmo, nº 1045, Bairro da Palmeira, na cidade de Santa Inês - MA. A escola atende um total de 417 alunos, distribuídos em 19 turmas, das quais 17 turmas são no ensino fundamental, abrangendo os anos iniciais do 1º ao 5º ano, com 214 alunos matriculados no turno matutino, e 167 no turno vespertino. Além disso, a escola oferece 2 turmas noturnas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com 36 alunos. A estrutura física da escola contempla 1 sala de diretoria, 1 sala de professores, 7 salas de aula, 3 banheiros (um feminino, um masculino e um unissex exclusivo para funcionários), 1 sala de leitura, 1 cozinha e 1 pátio que possui áreas coberta e descoberta. O quadro de profissionais que atuam na escola é formado por 1 gestora, 1 supervisora, 39 professores, 6 cuidadores, 3 cozinheiras, 4 auxiliares de limpeza, e 4 vigilantes.

5.2 O ensino literário infantil em sala de aula: percepção dos professores

O professor desempenha um papel fundamental no ensino literário, indo além da mera transmissão de conteúdos, moldando também a maneira como os alunos interagem e se relacionam com a literatura. Dessa forma, torna-se essencial compreender a percepção desses profissionais acerca de seu papel no processo educativo, bem como analisar a maneira em que os professores conduzem as práticas de leitura em suas salas de aula, e a utilização de literaturas com a temática de lendas maranhenses.

Nesse sentido, realizamos uma entrevista semiestruturada com as professoras, onde abordando questões sobre as lendas maranhenses, como: “Você realiza atividades utilizando literaturas que tratam de lendas maranhenses?”, “Quais lendas você já trabalhou com seus alunos?”, “Com que frequência?”, entre outras. Os dados coletados revelaram que as lendas maranhenses são raramente exploradas no ambiente escolar. E quando trabalhadas, isso ocorre, em geral, em ocasiões específicas, como nas celebrações do folclore, e ainda assim com foco predominantemente nas lendas mais conhecidas, como as do Saci-Pererê, Curupira, Iara, Cuca, entre outras.

Além disso, para facilitar essa análise, elaboramos e aplicamos um questionário contendo 8 (oito) perguntas, sendo 2 (duas) perguntas subjetivas e 6 (seis) objetivas. O questionário abordou questões relacionadas ao ensino literário, assim como o letramento literário em sala de aula, com foco no teatro de bonecos integrado às lendas maranhenses. Para alcançar nossos objetivos, contamos com a contribuição de quatro professoras do 2º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Ferdnan Gutman, o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada. Vamos diferenciar ao longo do trabalho as professoras por: A, B, C e D.

Inicialmente, para conhecermos um pouco sobre as docentes, a primeira pergunta do questionário foi direcionada à formação de cada uma. As respostas obtidas indicam que a professora A, possui Licenciatura em História, e as professoras B, C e D possuem Licenciatura em Pedagogia. As respostas obtidas serão expostas nos quadros e gráficos a seguir:

Quadro 1 – Análise da segunda questão: Você considera que o ensino literário deve ser parte integrante do currículo escolar? Justifique.

PROFESSORA A	Sim. Estimula a criatividade, a imaginação e auxilia na construção de conhecimentos, além do mais, desenvolve as habilidades socioemocionais dos alunos.
PROFESSORA B	Sim, pois o ensino literário ajuda a desenvolver a individualidade, a autonomia, o senso crítico e a capacidade de reflexão dos alunos. A literatura também pode ajudar a formar cidadãos conscientes social e culturalmente, e a desenvolver a capacidade de repensar a sociedade e o mundo.
PROFESSORA C	Sim, porque promove o desenvolvimento da linguagem e comunicação: A literatura ajuda a melhorar a compreensão e expressão linguística, além de desenvolver habilidades de leitura e escrita.
PROFESSORA D	Sim, o ensino literário é essencial pois permite explorar diferentes mundos, nos faz refletir, imaginar, sentir, e tudo isso é muito importante para o desenvolvimento dos alunos.

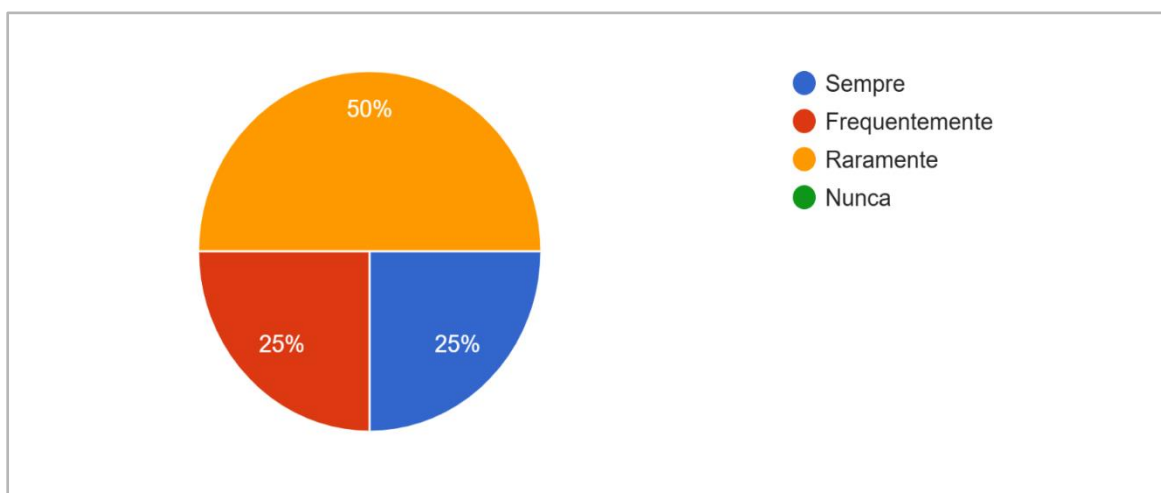
Fonte: de autoria própria (2024)

As respostas revelam uma convergência significativa entre as perspectivas professoras, evidenciando a relevância do ensino literário no contexto educacional,

tornando-o um elemento essencial do currículo escolar. Além de reconhecer os diversos benefícios do ensino literário na formação de seus alunos.

De acordo com Colomer (2007) a escola e professores exercem influências nos alunos o modo de como ler literatura. Até pouco tempo, a literatura na escola pautava-se no uso dos métodos de que os alunos devem recordar o que haviam lido ou ouvido sobre as obras sem a necessidade de aprofundamento na leitura. Ou ainda como meio para desenvolver a leitura e a escrita, bem como estudar mais a história da literatura do que o desenvolvimento da competência literária. Pelo visto, a maioria das professoras entrevistadas observam a formação literária como meio para desenvolver o imaginário, a criatividade e a formação de mundo.

Gráfico 1 – Análise da terceira questão: Com que frequência você utiliza obras literárias nas suas aulas?

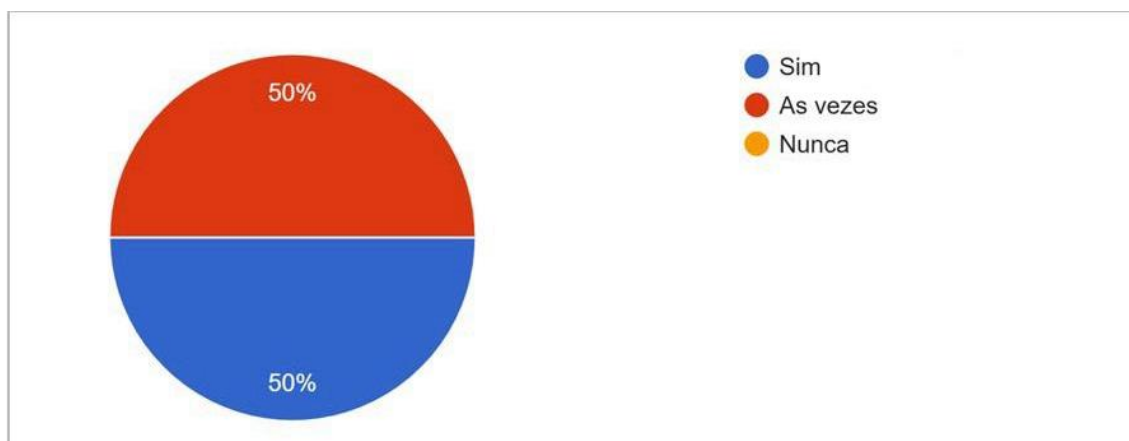


Fonte: de autoria própria (2024)

De acordo com o gráfico evidenciado acima, percebe-se uma diversidade relacionadas ao uso da literatura. As respostas indicaram que 25% das professoras afirmaram usar sempre, outros 25% das professoras afirmaram usar frequentemente, e 50% das professoras afirmaram usar raramente. Embora haja um número significativo de professoras que utilizam das obras literárias, o número de respostas indicando uma utilização rara, apontam que o uso de obras literárias não é frequente. Além disso, através de entrevistas, observamos que as lendas são trabalhadas apenas em ocasiões específicas, como nas celebrações do folclore. Cosson (2021, p. 16) postula que: “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”. Nesse sentido, a literatura

é essencial para a formação dos indivíduos, e por esse motivo, essa prática precisa se manter constante. Levando em consideração, que as lendas maranhenses são, raramente, utilizadas, é preciso buscar formas para aumentar o alcance delas no ambiente escolar.

Gráfico 2 – Análise da quarta questão: Você utiliza atividades práticas (como dramatizações ou criações de histórias) para ensinar literatura?



Fonte: de autoria própria (2024)

Na quarta questão, conforme evidenciado no gráfico acima, as respostas revelam que 50% das professoras utilizam atividades práticas para ensinar literatura, enquanto 50% das professoras utilizam apenas as vezes. Observa-se que, ainda que ocasionalmente, elas utilizam atividades práticas para integrar a literatura ao processo de ensino. Contudo, no que diz respeito à utilização de literaturas específicas, como as lendas maranhenses, essa prática revela-se menos frequente, conforme foi observado nas entrevistas.

Silva (2008), ressalta que

[...] incorporar os saberes de origem popular ao conhecimento acadêmico é uma necessidade cada vez mais premente, na medida em que, contemporaneamente, há uma estreita relação entre a valoração da experiência de vida de cada indivíduo com o processo ensino-aprendizagem e a democratização do saber (Silva, 2008. p. 41).

Ao incluir saberes populares ao conhecimento acadêmico, reconhecemos a riqueza cultural presente em tradições e vivências locais, como as lendas da cultura maranhense. Essas narrativas expressam valores, crenças e experiências coletivas, e enriquecem o processo de ensino-aprendizagem tornando-o mais significativo e conectado com a realidade dos estudantes. A valorização dessas histórias no

ambiente escolar contribui para o resgate de memórias e identidades. Além disso, Silva (2008, p. 176) postula que:

Para crianças e adolescentes, narrar, poetizar, cantar, jogar com as palavras – tudo isso é um sedutor exercício de investigação e experimentação. E onde existem investigação e experimentação, sabemos nós, educadores, aí está o terreno para a construção do conhecimento.

Assim, as lendas, frequentemente carregadas de valores culturais, funcionam como um ponto de partida para a criação de um espaço de investigação e experimentação. Por meio delas, os alunos podem se envolver ativamente no processo de construção do conhecimento, explorando aspectos de sua identidade cultural, história e imaginação. Portanto, torna-se essencial que estejam mais frequentemente inseridos no ambiente das salas de aula.

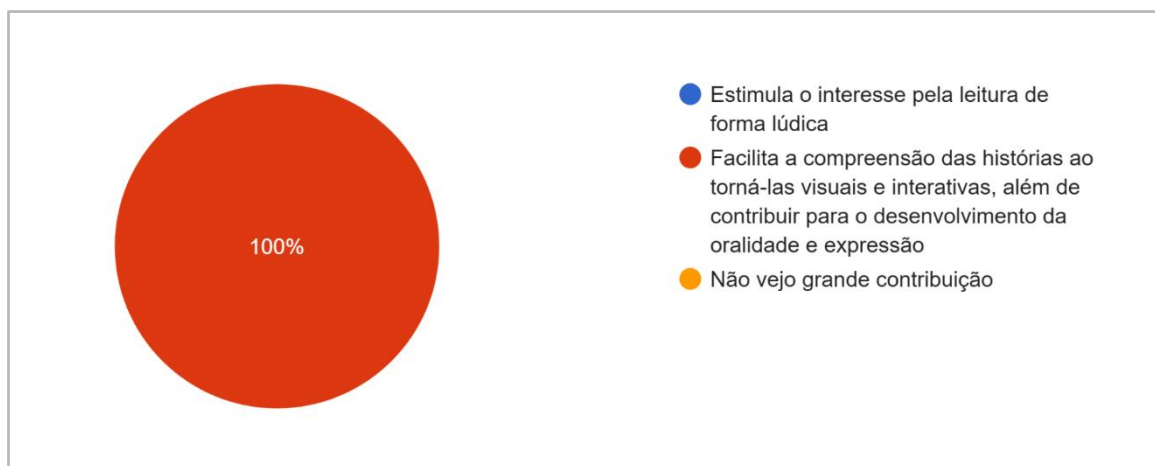
Quadro 2 – Análise da quinta questão: Você já implementou atividades de letramento literário em suas aulas ou possui conhecimento sobre esse tema?

PROFESSORA A	Sim. Essas atividades são muito importantes, pois capacita o aluno a construir conhecimentos, estimula o hábito de leitura, etc.
PROFESSORA B	Sim, diariamente desenvolvemos atividades literárias.
PROFESSORA C	Sim.
PROFESSORA D	Sim, já realizei atividades que trabalham o letramento literário.

Fonte: de autoria própria (2024)

As respostas indicam aspectos positivos no contexto educacional. Todas as professoras afirmaram possuir conhecimento sobre o tema e relataram já ter implementado atividades de letramento literário em suas práticas pedagógicas. Esse aspecto pode ser considerado um ponto positivo, pois reflete o reconhecimento das professoras sobre a relevância do letramento literário na formação do leitor. Nesse contexto, entendemos que elas compreendem a necessidade de integrar “práticas em sala de aula que contemplem o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras” (Cosson, 2021, p.47).

Gráfico 3 – Análise da sexta questão: De que forma você acredita que o uso do teatro de bonecos pode promover o letramento das crianças, especialmente ao trabalhar com narrativas culturais, como as lendas maranhenses?



Fonte: de autoria própria (2024)

De acordo com o gráfico acima, 100% das professoras responderam que a utilização do teatro de bonecos para promover o letramento literário, através de narrativas culturais como as lendas maranhenses, facilita a compreensão das histórias ao torná-las visuais e interativas, além de contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da expressão.

Nesse sentido, Vygotsky (1998) destaca a significância das interações sociais e como o uso de recursos culturais pode potencializar a aprendizagem. Ele ainda ressalta que o aprendizado ocorre de maneira mais efetiva quando mediado por ferramentas que engajem os alunos nas atividades. O teatro de bonecos une vários aspectos interessantes para a construção de conhecimentos, pois abrange elementos visuais, narrativos e participativos. Assim, essa prática contribui para a ampliação das capacidades dos alunos em interpretar e compreender diferentes tipos de textos., promovendo uma experiência significativa e envolvente, conforme aponta Cosson (2021), ao reforçar que o letramento literário exige práticas que coloquem os alunos em contato com as múltiplas linguagens presentes nos textos literários.

Em suma, as respostas das professoras evidenciam uma percepção clara que vão de encontro com o que realmente se espera das atividades realizadas na contação de lendas através do teatro de bonecos, em que as crianças aprendem de forma integral, sendo engajadas em atividades significativas e contextualizadas, como o teatro de bonecos, que reúne elementos culturais, narrativos e pedagógicos.

Gráfico 4 – Análise da sétima questão: Como você avalia a contribuição do teatro de bonecos no processo de letramento literário, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da imaginação, criatividade e compreensão leitora dos alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental, considerando seu potencial para tornar as histórias mais envolventes e acessíveis?



Fonte: de autoria própria (2024)

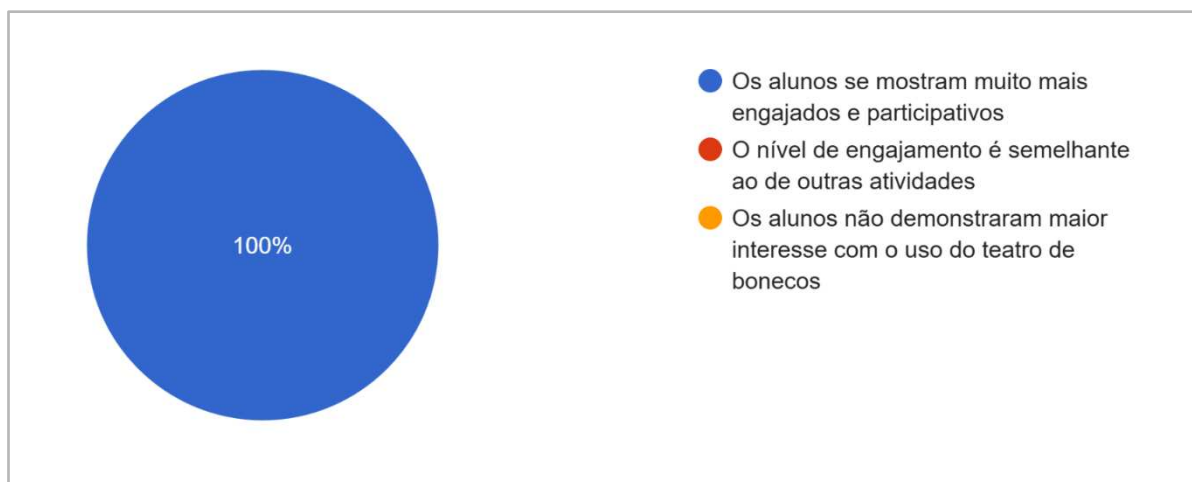
De acordo com o gráfico acima, 100% das professoras responderam que é muito relevante, pois facilita a compreensão e engajamento dos alunos. Nesse sentido, as docentes validam a importância do teatro de bonecos, se tratando especialmente ao desenvolvimento da imaginação, criatividade e compreensão leitora dos alunos.

Essas contribuições do teatro para a efetivação do letramento literário são perceptíveis, pois além de facilitar a leitura, ela se torna mais envolvente no quesito de participação dos alunos, cuja aprendizagem opera pelas imagens. “Teatro é imagem. A origem da palavra *teatrum*, em grego, é local onde se vê, é onde as imagens se apresentam em movimento, operando no indivíduo e no coletivo. (Amaral, 1996, apud, Carmo, p. 35). Com efeito, o teatro de formas animadas ganha vida e passam a representar através da energia vital do ator manipulador. E ao associarmos as figuras (os bonecos) ao cotidiano, fazemos releitura de vida, de mundo.

Assim, por meio desse compartilhamento de informações, deixamos os alunos a vontade, já que não estamos em busca de “[...] respostas certas, mas sim pela interpretação que o aluno chegou, como ele pensou aquilo” (Cosson, 2021, p.113). Essa estratégia contribuiu efetivamente para engajar os alunos e “aprofundar os

sentidos que se construiu para aquela obra e fortalecer o processo de ensino literário individual e de toda a turma” (Cosson, 2021, p.113).

Gráfico 5 – Análise da oitava questão: Como você avalia o nível de engajamento dos alunos durante as aulas que utilizam o teatro de bonecos, especialmente ao trabalhar com lendas maranhenses, em comparação com outras metodologias de ensino voltadas para o letramento literário?



Fonte: de autoria própria (2024)

Conforme a oitava e última questão, as respostas obtidas indicam que 100% das professoras concordam que os alunos se mostram muito mais engajados e participativos. Diante disso, é possível perceber que a utilização do teatro de bonecos, especialmente ao trabalhar com lendas maranhenses, não apenas atrai a atenção dos alunos, mas também favorece uma participação mais engajada e ativa por parte deles. Essa abordagem transforma o aprendizado em uma experiência mais rica e significativa, permitindo que os estudantes se envolvam de maneira relevante com o conteúdo apresentado. Nesse sentido, ao utilizarmos o teatro de bonecos, usando estratégias que promovem essencialmente o letramento literário, torna-se uma ferramenta altamente eficaz.

A utilização do teatro de bonecos como recurso pedagógico está fundamentada nas ideias de Cosson (2021) sobre o letramento literário, na qual ele evidencia como estratégias, atividades que despertam a criatividade e favorecem o interesse e a participação dos discentes. Nessa perspectiva, trabalhar com lendas maranhenses no teatro de bonecos insere os alunos em um contexto cultural significativo ao mesmo tempo que contribui para o desenvolvimento de habilidades como a leitura, autonomia e interpretação. Vygotsky (1998) em seu trabalho "Formação social da mente",

também reforça essa representação ao relatar a importância das interações sociais e ferramentas culturais para a aprendizagem. Em síntese, o teatro de bonecos, nesse caso, atua como um meio que conecta os alunos ao conhecimento, criando um ambiente interativo e criativo que estimula o engajamento e o aprendizado de maneira lúdica.

5.3 Proposta pedagógica: Lendas maranhenses – mediações de leituras através do teatro

Durante séculos as lendas foram repassadas de boca em boca na figura do contador tradicional anônimo. Graças a sua capacidade de intercambiar experiência de maneira íntima com o ouvinte, as lendas foram mantendo-se viva no imaginário popular. Nesse processo, o ouvinte não apenas memoriza as histórias, como também aprendia as técnicas e os saberes de transmissão. Por conseguinte, o contador tradicional seria o sujeito oriundo da própria comunidade, ou seja, que adquiriu o dom de narrar em convivência com o guardião da memória.

No entanto, essa experiência de narrar histórias que outrora era tão comum no meio artesanal, está em vias de extinção. De acordo Benjamin (2012, p. 213):

[...] é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiência.

Contudo, apesar do risco da extinção da experiência de narrar dos contadores tradicionais, autores como Bussato (2013), Bedran (2012), Dhome (2013) explicitam que os contemporâneos se inspiram nas narrativas orais e exercem o seu papel em um modelo de oralidade secundária, pois está imerso no contexto da cultura letrada.

Adeptos da escrita, da imprensa e das novas tecnologias, atualmente, os contadores contemporâneos vêm surgindo em inúmeros setores da sociedade motivado pela disposição de fazer da sua voz uma marca na sua comunidade e com a preocupação de se aprofundar nas possibilidades que a narração pode oferecer. Segundo Bussato (2013) o contador contemporâneo traz consigo influência do seu tempo e dos meios de comunicação que o cerca, tais como a TV, imprensa, rádio, escrita, telefone e internet e agregam em sua narrativa marcas de outras artes,

como: o teatro, a poesia, a dança, a mímica e o canto. Sua arte é construída tanto por meio da experiência com sua história pessoal, ou através de cursos de formação para contadores.

Não obstante, a produção literária é a fonte inspiradora dos contadores contemporâneos. Segundo Tierno (2010), o contador de histórias possui um repertório de leitura. Isso não implica apenas selecionar e ler histórias para serem contadas, mas para apropriar-se das sutilezas da narrativa. Semelhantemente Benjamin (2012, p. 214) afirma que: “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” Espelhando-se nos estilos desses narradores, buscou-se o estudo das lendas maranhenses tendo como foco os livros escritos para crianças e jovens.

Encontrou-se no âmbito da disciplina Literatura Infanto Juvenil que, uma das linhas de interesse é a catalogação, a análise e a difusão de obras literárias para o público criança. Nesse contexto, destacam-se as obras que contemplam as lendas maranhense, cuja produção pode ser considerada crescente. Em uma pesquisa de caráter exploratório realizada no ano de 2021 em livrarias (físicas e digitais), bibliotecas públicas e feira de livros chegou ao total de doze obras com a temática lenda maranhense:

- A lenda do Rei Sebastião e o Touro Encantado, de Wilson Marques; ilustrações Dedê Paiva (2011);
- O rei que virou lenda, de Cláudio Rodrigues; ilustração de Eloar Guazzelli Filho (2019);
- El Rei Menino, de Xico Cruz; ilustrações de Leila Nascimento (2020);
- A lenda da praia do Olho D'Água, de Tyago Fernando (2021);
- A lenda de Iná, princesa das Águas, de Wilson Marques (2021);
- A lenda da carruagem encantada de Ana Jansen em quadrinhos, de Beto Nicácio (2007);
- Quem tem medo da Ana Jansen? de Wilson Marques; ilustração Kirlley Veloso (2004);
- Touchê e o segredo da serpente encantada, de Wilson Marques; ilustração Kirlley Veloso (2004);

- Além das lendas, de Iramir Araújo, Amanda Belo, Beto Nicácio Marcos Caldas, Ronilson Freire (2021);
- Corre que a Manguda vem aí! de Wilson Marques (2020);
- Uma viagem pela ilha encantada, de Lucia Simões e Virgínia Maura Ferreira (2021);
- A menina levada e a serpente encantada, de Wilson Marques (2013)

A obra com maior número de publicação é a lenda de “Dom Sebastião e o touro encantado” seguidas das lendas: A carruagem de Ana Jansen, Serpente encantada, Praia do olho d’água e Manguda. Parte das obras trazem a versão original, enquanto outras apresentam variação e permitem o intercâmbio por meio da dramaturgia.

As lendas sempre despertaram fascínio, devido ao caráter do maravilhoso. No âmbito conceitual “lenda” é a “narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética; legenda” (Ferreira, 2010, p. 1251).

Lispector (2015, s/p) menciona que “o grande sonho acordado de um povo é o símbolo do seu vigor íntimo. As lendas são uma potência. Elas procuram nos transmitir alguma coisa importante que se passa pela zona penumbrosa e criativa popular”. As lendas são narrativas provenientes do imaginário popular, que retratam os acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais associadas aos fatos mantidos pela tradição oral.

Segundo Cascudo (2012, p. 396) a lenda é “episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo”. De origem letrada, lenda, legenda, “levere”, possui de fixação geográfica e pequena deformação”.

No Estado do Maranhão as lendas apresentam importância como representação dentro do imaginário social na formação da identidade cultural. Embora as mais conhecidas sejam as que circulam na capital, no interior maranhenses existem outras lendas.

O autor Costa Júnior (2021), descreve que:

As lendas possuem diversos conceitos, as mais citadas são as narrativas, as quais estão ligadas a fatos reais e históricos com eventos sobrenaturais'. Exemplifica-se: Ana Jansen foi uma das mulheres mais influentes na política do século XIX no Maranhão (fato histórico), mas que, segundo a lenda, depois de sua morte, para expiar seus pecados, vaga pelas ruas do centro histórico

de São Luís - MA em uma carruagem com cavalos e escravizados decapitados (eventos sobrenaturais) (Costa Júnior, 2021, p 24).

Lendas são narrativas tradicionais que misturam história e ficção, enriquecidas com elementos sobrenaturais. Elas servem para explicar fenômenos naturais, transmitir valores e preservar a história cultural. Muitas lendas envolvem heróis e desafios extraordinários e podem se adaptar a diferentes culturas. As lendas no Maranhão, como em muitas outras regiões, têm raízes profundas na mistura de influências culturais indígenas, africanas e europeias.

Algumas formas comuns de lendas no Maranhão incluem: Influência Indígena pelos povos indígenas Tupinambás e Guajajaras, além da presença de comunidades afrodescendentes que contribuíram para a criação de lendas que misturam elementos da cultura africana com as tradições locais. Essas histórias muitas vezes incorporam figuras míticas e práticas religiosas afro-brasileiras, além disso, possuem “uma relação direta com a elite local, com temas relacionados ao escravismo, à religiosidade católica, à colonização lusitana, aos prédios históricos, à elite em si, à formação literária” (Costa Júnior, 2021, p. 79). Essa ligação entre cultura, lenda e história, ressalta a importância de reconhecer e valorizar essas narrativas na formação dos indivíduos.

O autor Costa Júnior (2021) também destaca que:

As lendas têm mantido vivas em seu corpo a memória popular. É evidente que não se trata de um conhecimento científico, mas de um cultural, que molda a identidade social. Esse tipo de narrativa é significativo para entender a sociedade em que está presente, sendo passado de geração a outra (Costa Júnior, 2021, p. 84).

Diante disso, podemos ressaltar que, embora as lendas não se configurem como conhecimento científico, essas narrativas orais refletem o conhecimento cultural acumulado ao longo de gerações, contribuindo para moldar a forma como uma sociedade percebe e se organiza. As lendas representam os valores, crenças e tradições de um povo, atuando como uma ferramenta de união social e, ao mesmo tempo, como um instrumento para compreender a realidade histórica e cultural. Dessa forma, ao longo do tempo, essas narrativas adquirem relevância não apenas como vestígios do passado, mas como expressões dinâmicas que continuam a influenciar e moldar a identidade de uma sociedade.

Nesse sentido, as lendas trazem grandes contribuições, junto à inserção das crianças ao mundo literário. As lendas estimulam a imaginação das crianças,

apresentando-lhes mundos fantásticos e personagens mágicos que despertam sua criatividade. Essa estimulação é essencial para o desenvolvimento da capacidade de pensar de forma crítica e criativa. Além disso, elas nos levam a conhecer mais sobre a cultura e tradição de um povo, permitindo que as crianças descubram suas raízes. Esse contato com as lendas é fundamental para a formação da identidade das crianças e para a compreensão da diversidade cultural.

Considerando-se a abrangência da produção literária maranhense, a presente proposta representa um fio condutor para as práticas das leituras literária no âmbito escolar. O objetivo é compartilhar lendas maranhense através do teatro de bonecos visando a formação do leitor na perspectiva do letramento literário. Leva-se em conta a interpretação que no dizer do Cosson (2021), não é apenas uma das etapas do processo da leitura, aquela que se situa entre a compreensão e a extrapolação. Ela é também o elemento central do ensino da literatura na sala de aula porquê é por meio da interpretação compartilhada que se desenvolve a competência literária e se forma uma comunidade de leitores.

Assim, no ato de contação de histórias através do teatro de bonecos, a apreensão envolve três movimentos: Planejamento (catalogação, leitura e mapeamento das obras e transcrição para a dramaturgia); ensaios e apresentação. As apresentações seguem a indicação de sequência básica de Rildo Cosson (2021), dividida em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. A etapa de motivação consiste no preparo do aluno para o contato com o texto. A introdução envolve a apresentação do autor e da obra, seguida pela leitura, que se desenvolve por meio da apresentação das obras através do teatro de bonecos. Por fim, a interpretação é realizada por meio da reflexão e da construção de significados a partir da obra apresentada.

5.4 Atividades desenvolvidas na escola

No primeiro encontro, realizado no dia 03 de maio de 2023, na Escola Municipal Ferdnan Gutman, foi apresentada a proposta pedagógica, assim como as atividades que seriam realizadas, aos professores e alunos do 2º ano do Ensino Fundamental.

Figura 1 - Apresentação do trabalho que foi desenvolvido



Fonte: de autoria própria (2023)

Durante a reunião, realizamos uma demonstração de como seria a contação de histórias por meio do teatro de bonecos, evidenciando sua eficácia como ferramenta pedagógica para facilitar o processo de letramento literário. Além disso, discutiram-se aspectos cruciais para a implementação da proposta na escola, incluindo: a disponibilidade de horários e a compatibilidade com a rotina escolar, garantindo uma integração harmoniosa com as atividades curriculares; a interdisciplinaridade e a conexão com as demais disciplinas, visando uma abordagem integral do conhecimento.

Esse momento representou um passo importante na construção de uma parceria efetiva entre a escola e a equipe de pesquisa, visando o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes. Após esse encontro, realizamos a primeira aplicação da proposta que ocorreu no dia 12 de maio de 2023.

Figura 2 - Primeira aplicação da proposta



Fonte: de autoria própria (2023)

Tomamos como inspiração a sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2021), no qual é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Seguindo essa linha de pensamento, adotamos como motivação, uma sondagem estruturada por uma roda de conversa, buscando captar o conhecimento prévio dos alunos acerca de lendas, lendas maranhenses, personagens, locais em que as histórias são narradas, etc. “Esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto” (Cosson, 2021, p.54). Diante disso, esse momento é crucial para preparar os alunos para a história que será narrada.

Em seguida, realizamos a introdução. Nesse momento, apresentamos aos alunos o livro que seria trabalhado, bem como suas características, autores, mostrando suas ilustrações, etc. Cosson (2021, p. 60) afirma que: “A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem a obra”. Neste dia, as atividades foram realizadas a partir do livro “Touchê em o Segredo da Serpente Encantada” do autor Wilson Marques. Explicamos aos alunos que foi feita a adaptação do livro para a linguagem teatral, para que assim pudessemos apresentar através do teatro e os bonecos, além disso, apresentamos também os personagens que seriam usados nessa história. Observou-se muita

curiosidade e interesse por parte dos alunos, que demonstraram engajamento e participação ativa.

Logo após, iniciamos a etapa de leitura. A leitura se deu por meio da oralidade das histórias contadas por meio do teatro de bonecos, utilizando-se de uma linguagem adequada para o público infantil.

Finalizando a contação da história, iniciamos a última etapa: a interpretação. Essa etapa ocorreu por meio de questionamentos sobre o entendimento/interpretação dos alunos a respeito da lenda contada. Nesse momento, fizemos diversas perguntas sobre o enredo da história, criando situações como por exemplo: o que eles fariam caso estivessem no lugar dos personagens, entre outras.

Ao concluir as atividades descritas, observou-se o potencial das lendas em estimular a imaginação e criatividade dos estudantes, permitindo avaliar a eficácia do teatro de bonecos como recurso didático-pedagógico para o ensino de lendas maranhenses, confirmando assim, sua capacidade de despertar o interesse e a participação dos alunos, assim promovendo o letramento literário de uma forma divertida e prazerosa.

Figura 3 - Segunda aplicação da proposta



Fonte: de autoria própria (2023)

A segunda aplicação ocorreu no dia 14 de junho de 2023, buscando mais uma vez avaliar a eficácia da contação de histórias com teatro de bonecos para o desenvolvimento do letramento literário. Seguindo ainda como inspiração a sequência básica para o letramento literário proposta por Cosson (2021), iniciamos com a motivação. Nessa ocasião, realizamos diversas perguntas recorrentes às lendas, as

lendas da região, bem como suas percepções e interesse em ouvir mais histórias, questionando-os também sobre o que eles lembravam sobre a última apresentação. Esse momento foi muito importante para identificarmos o quão eficaz foi a última apresentação. Obtivemos respostas positivas.

No segundo momento, ocorreu a etapa de introdução. Realizou-se a exposição do segundo livro selecionado: "Uma Viagem pela Ilha Encantada", do autor maranhense Wilson Marques, como o autor era o mesmo do último livro, deixamos esse momento para os alunos folhear, observar as ilustrações, obtendo um contato a mais com a obra física.

Em seguida, demos início ao processo de leitura. Essa etapa se deu pela oralidade da obra contada através do teatro de bonecos. Ao final da contação, encaminhamos para a etapa de interpretação, no qual ocorreu por meio de uma discussão, buscando acompanhar a compreensão dos alunos a partir da história contada. É importante enfatizar que nesse momento abrimos a oportunidade para todos os alunos se expressarem. Cosson (2021, p.68) afirma que: "O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar".

A terceira e última aplicação foi realizada no dia 22 de agosto de 2023, durante o turno matutino. Seguiu-se o mesmo procedimento metodológico empregado nas sessões anteriores, com intuito de explorar a interação e criatividade dos alunos em relação às narrativas literárias através do teatro de bonecos com lendas maranhenses.

Como motivação, convidamos os alunos a participarem de uma brincadeira de "Quem sou eu?", essa brincadeira consiste em fazer perguntas com características dos personagens das lendas contadas. Por último, perguntas relacionadas a personagem Ana Jansen, pra observar se algum aluno já a conhecia. Os alunos se divertiram bastante, e acertaram muitos personagens. A motivação é essencial para preparar o aluno para a história que será contada. Além disso, Cosson afirmou que:

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmos nas propostas de motivação, e consequentemente na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção [...] abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária (Cosson, 2021, p. 53).

Na parte introdutória, a lenda escolhida para essa sessão foi "Quem tem medo de Ana Jansen?", de Wilson Marques, no qual apresentamos aos alunos, detalhando bem o livro e suas ilustrações. Por ser um livro em quadrinhos, as crianças ficaram bem animadas, e curiosas para folhear cada página. Após esse momento indicamos que a história seria apresentada por meio do recurso teatral de bonecos e assim se deu a etapa de leitura.

Após a apresentação, realizamos a última etapa, que é a interpretação. Diante disso, utilizamos a conversação para avaliar o entendimento dos alunos, investigamos quais aspectos da história mais chamou a atenção dos estudantes, quais personagens mais lhes agradaram e quais momentos da apresentação mais marcaram, etc. Permitindo que os alunos se expressem a partir da exposição oral. Essa abordagem permite não apenas avaliar a eficácia da estratégia de ensino utilizada, mas também permite observar a forma como os alunos processam as informações na construção dos significados. Neste aspecto, Cosson relata que:

Dentro do processo de letramento literário, consideramos que o investimento em atividades como debates, exposições orais e outras formas de linguagem oral em sala de aula são fundamentais, ou seja, a discussão é uma atividade tão importante quanto aquelas centradas na leitura e na escrita (Cosson, 2021, p. 114).

Por conseguinte, é essencial o envolvimento dos alunos, dando-lhes a oportunidade e capacidade de dialogar e compartilhar significados.

Mediante a apresentação da contação de história através do teatro de bonecos, observamos mais uma vez que despertou uma considerável curiosidade nos alunos, demonstrando grande interesse pela estética e funcionalidade dos bonecos, pela estrutura narrativa da história e pela arquitetura do teatro.

Para finalizar as atividades na escola, realizamos a aplicação de um questionário para as professoras, e agradecemos a colaboração de todos. Com isso, uma das professoras nos escreveu que: "A leitura literária deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores e que se refletem em nossa formação humana e profissional. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelas acadêmicas, contribuiu bastante na educação escolar e formação dos nossos educandos". Este comentário foi obtido por meio das sugestões do questionário

aplicado, e a sua menção é essencial, pois enfatiza a eficácia das atividades propostas.

Figura 4 - Interação e engajamento dos alunos após a aplicação das atividades



Fonte: de autoria própria (2023)

Concluída as atividades e realizada a análise das respostas obtidas durante esse período, observamos um grande potencial na contação de lendas através do teatro de bonecos como ferramenta pedagógica para desenvolver a imaginação, a criatividade, levando-os ao letramento literário, além de contribuir ao repertório cultural. Nesse sentido, é possível considerar que através dessas atividades propostas, “[...] o ensino de literatura passa a ser o processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo” (Cosson, 2021, p.120).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho motivou-se a partir do contato com a disciplina Literatura Infantojuvenil, durante o curso de Pedagogia, e das experiências vividas no projeto de Extensão da Bolsa Cultura “Teatro de Boneco Lendas Maranhense”. Foi nesse contexto que percebemos duas questões importantes: o baixo interesse das crianças pela leitura e a pouca valorização das lendas maranhenses nas escolas. Essa constatação despertou em nós a vontade de explorar o potencial da literatura maranhense como ferramenta para alcançar o letramento literário e, ao mesmo tempo, incentivar a valorização da cultura do Maranhão. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi investigar como a mediação de histórias por meio do teatro de bonecos através das Lendas maranhenses promove o letramento literário

Partindo de uma análise bibliográfica, compreende-se que o letramento literário é um processo singular e indispensável na formação de leitores críticos, criativos e sensíveis às especificidades da linguagem literária. Ao longo deste estudo, foram discutidas as bases conceituais do letramento, sua evolução histórica e as práticas que o conectam ao ensino da literatura. Nesse contexto, torna-se substancial o papel do professor na mediação e organização de práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento dessa competência.

Com efeito, o teatro de bonecos revelou-se um recurso eficiente para dar vida a essas narrativas, permitindo que as crianças experimentassem as histórias de forma dinâmica e interativa. Esse processo, estruturado em etapas de planejamento, ensaio e apresentação, além das estratégias de antes, durante e após a contação, ofereceu aos alunos uma experiência imersiva que vai além da simples leitura. Conclui-se que, ao dramatizar as lendas maranhenses, as crianças não apenas conheceram sua própria cultura, mas também desenvolveram habilidades de expressão, interpretação, colaboração e criatividade. Além disso, a contação de histórias através do teatro de bonecos estimulou o engajamento emocional das crianças, a valorização da cultura e da arte e a interação multissensorial, pois envolve recursos visuais, auditivos e performáticos.

Neste contexto, o teatro de bonecos, aliado à contação de histórias através das lendas maranhenses, revelou-se uma estratégia inovadora e eficiente para aproximar os estudantes da literatura. Ao unir ludicidade e narrativa, essa metodologia contribui para o engajamento dos alunos, facilitando o acesso ao universo literário de forma

criativa e envolvente. Além disso, nota-se a capacidade de interpretação, construção de sentidos e expressão de ideias, aspectos essenciais na formação de leitores literários competentes.

As apresentações que ocorreram na Escola Municipal Fernand Gutman para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, foram essências para esta pesquisa, pois a partir dela observou-se a interação e a curiosidade por parte dos alunos, tanto pelos bonecos como pela obra literária, ou seja, as lendas. Os *feedbacks* foram essências para análise dos resultados obtidos. Constata-se, então, a eficácia do teatro de bonecos como ferramenta pedagógica que é capaz de promover o letramento literário.

Portanto, este estudo não apenas reforça a relevância do letramento literário no currículo escolar, mas também apresenta alternativas práticas que podem ser adaptadas às realidades e demandas específicas das escolas. Assim, espera-se que este trabalho inspire educadores a reinventarem suas práticas pedagógicas, garantindo que a literatura continue a desempenhar seu papel transformador na formação cidadã, literária e cultural dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARMO, José Antônio do. **Teatro de animação ou formas animadas: uma possibilidade terapêutica**. São Paulo: [s.n], 2011
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12ª edição. São Paulo: Global Editora, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. 12ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSTA JÚNIOR, Flávio Pereira. **Entre lendas e história: narrativas que representam a identidade de São Luís**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria literária e literatura infantil**. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Doze lendas brasileiras**: como nascem as estrelas. Ilustração Suryana. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva** sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PALO, Maria José Gordo; OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. **Literatura infantil – voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. Tradução de Antônio Negrini, São Paulo: Summus, 1982.

SANTOS, Antonio Carlos dos. **O teatro de bonecos Mané Beijudo**: 1.385 exercícios e laboratórios de teatro. Ebook, 2015.

SILVA, José Rogério da. Contação de história: alternativa para o letramento literário. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 44, 17 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/contacao-de-historia-alternativa-para-o-letramento-literario>>.

SILVA, Romilson Alves da. SILVA, Francisca Neres Alves da. O papel do professor na formação e hábito de leitura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 04, Vol. 01, pp. 120-138. Abril de 2020. [23] p. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-e-habito-de-leitura>>.

SILVEIRA, B. F. Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico! **Revista Prolíngua**, v. 2, nº 2, p. 34-39, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Caderno de Formação: formação de professores, didática e conteúdo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101-107.

TIERNO, Giuliano (org.). **A arte de contar histórias: abordagens poética, literária e performática**. 1ª. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 12 ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler Literatura Infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 11, n. 1, p. 49-60, jan.-abr. 2008. Disponível em: <https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3065/Modelos_de_Letramento_Liter_rio.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário para o professor

1. Qual sua formação?

2. Você considera que o ensino literário deve ser parte integrante do currículo escolar? Justifique.

3. Com que frequência você utiliza obras literárias nas suas aulas?

- () Sempre
- () Frequentemente
- () Raramente
- () Nunca

4. Você utiliza atividades práticas (como dramatizações ou criações de histórias) para ensinar literatura?

- () Sim
- () As vezes
- () Nunca

5. Você já implementou atividades de letramento literário em suas aulas ou possui conhecimento sobre esse tema?

6. De que forma você acredita que o uso do teatro de bonecos pode promover o letramento das crianças, especialmente ao trabalhar com narrativas culturais, como as lendas maranhenses?

- ☐ Estimula o interesse pela leitura de forma lúdica
- ☐ Facilita a compreensão das histórias ao torná-las visuais e interativas, além de contribuir para o desenvolvimento da oralidade e expressão
- ☐ Não vejo grande contribuição

7. Como você avalia a contribuição do teatro de bonecos no processo de letramento literário, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da imaginação, criatividade e compreensão leitora dos alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental, considerando seu potencial para tornar as histórias mais envolventes e acessíveis?

- ☐ Muito relevante, pois facilita a compreensão e engajamento dos alunos
- ☐ Relevante, mas depende da forma como é utilizado
- ☐ Pouco relevante, prefiro outras abordagens
- ☐ Não vejo impacto significativo

8. Como você avalia o nível de engajamento dos alunos durante as aulas que utilizam o teatro de bonecos, especialmente ao trabalhar com lendas maranhenses, em comparação com outras metodologias de ensino voltadas para o letramento literário?

- ☐ Os alunos se mostram muito mais engajados e participativos
- ☐ O nível de engajamento é semelhante ao de outras atividades
- ☐ Os alunos não demonstraram maior interesse com o uso do teatro de bonecos

APÊNDICE B: Lendas apresentadas na aplicação da proposta

A lenda “O segredo da Serpente Encantada” de Wilson Marques

(Transcrito para a linguagem teatral)

NARRADOR: Dona Laura, mãe de Rafael está sentada em uma cadeira, dobrando roupas. Enquanto seu pai Naldo assiste, quando Rafael entra correndo, com um caderno e um lápis na mão.

RAFAEL: (animado) Mãe! Pai! Vocês não vão acreditar! A professora contou uma história assustadora hoje!

DONA LAURA: (com um sorriso) Mais uma das suas histórias, Rafa? O que foi dessa vez?

RAFAEL: A professora disse que aqui, bem debaixo da cidade de São Luís, mora uma serpente encantada! E que ela cresce sem parar! Um dia, quando a cabeça dela encontrar a cauda, vai dar a volta na ilha e... toda a cidade será destruída!

DONA LAURA: Meu filho, isso é só uma lenda, uma história inventada. Não precisa se preocupar.

RAFAEL: Mas a professora falou como se fosse de verdade! Mas mãe, o que é uma lenda?

DONA LAURA: Lenda é uma história que as pessoas criam para explicar coisas misteriosas ou assustadoras. Faz parte da cultura de um povo. Mas Rafa, é só imaginação, não é real.

RAFAEL: (pensativo) Então... pode não ser verdade?

DONA LAURA: Exatamente. Agora vai brincar e esquece essa história, tá bom?

NARRADOR: Rafael sai, mas visivelmente ainda intrigado.

NARRADOR: Em seu quarto, Rafael, está sentado na cama, com uma expressão de preocupação. De repente, ouve batidas na janela.

RAFAEL: (assustado) Quem está aí?

NARRADOR: As batidas continuam. Ele se aproxima da janela, abre e dá de cara com Touchê, um velho fantasmagórico, barbas brancas, de roupas engraçadas, sentado nos galhos de uma velha goiabeira.

RAFAEL: (surpreso e animado) Touchê!

TOUCHÊ: (sorrindo misteriosamente) Às suas ordens, meu jovem!

RAFAEL: Como você sempre sabe quando estou precisando de ajuda?

TOUCHÊ: Ah, digamos que os ventos me sopram os segredos. Qual é o problema desta vez?

RAFAEL: É sobre a serpente encantada!

TOUCHÊ: (levemente desconfortável) Ah, essa velha história. Quer saber sobre ela, hein?

RAFAEL: Sim! Ela é de verdade?

TOUCHÊ: (pensativo) Bem... É uma lenda, Rafa. Só uma lenda.

RAFAEL: Mas... e se for real? E se ela destruir a cidade?

TOUCHÊ: E se for real, o que você faria?

RAFAEL: Iria até lá e impediria!

TOUCHÊ: (arqueando as sobrancelhas) E como que você faria isso?

RAFAEL: Com a sua ajuda, é claro!

NARRADOR: Rafael convence Touchê de ir atrás da Serpente. Os dois decidem ir até o escritório do Dr. Felipe, um amigo de Rafael, que possui um mapa das galerias subterrâneas de São Luís do Maranhão. Com o mapa em mãos, eles partem para a aventura. Chegando ao local, Rafael e Touchê seguram uma lanterna e um mapa.

TOUCHÊ: (resmungando) Eu sabia que ia me meter numa enrascada...

RAFAEL: Relaxa, Touchê! Vai ser uma aventura incrível! A serpente pode ser real, Touchê. E se for, temos que proteger a cidade!

NARRADOR: Os dois caminham por corredores escuros. A luz da lanterna começa a piscar, e um som grave ecoa pelos túneis. Os dois se olham, assustados, mas continuam avançando. Depois de muitas curvas e corredores, Rafa e Touchê chegaram a um lugar diferente: uma câmara circular, com quatro passagens escuras. Rafa olhou para o mapa e explicou onde cada corredor levava.

RAFAEL: (Todo empolgado) Aqui é incrível! Um túnel leva até a Igreja do Carmo, onde dizem que está a barriga da serpente. Outro vai até a Igreja de São Pantaleão, onde está a cauda. E aquele por onde chegamos é onde está a cabeça!

TOUCHÊ: (Preocupado, tremendo) Melhor ficarmos bem quietinhos, Rafa. Esse lugar me dá calafrios!

RAFAEL: Quietos? Nada disso! Quero encontrar a serpente logo!

TOUCHÊ: E se ela for mesmo perigosa?

RAFAEL: É exatamente por isso que precisamos chamá-la!

NARRADOR: Rafa começa a gritar "Serpente! Serpente!", enquanto Touchê, assustado, junta as mãos e começa a rezar. Som de um ronco profundo, como um terremoto. A luz treme. Uma sombra gigante aparece na parede.

TOUCHÊ: Valha-me Deus!

RAFAEL: (Animado) Deve ser ela! Prepare-se, Touchê!

NARRADOR: De repente, dois olhos enormes brilhando na escuridão encararam os dois.

DONA JIBOIA BOIA: Quem ousa invadir meus domínios?

TOUCHÊ: Na-não foi por mal, dona serpente! Por favor, tenha piedade!

RAFAEL: (Empolgado, mas nervoso) Nós viemos... viemos conhecer você!

DONA JIBOIA BOIA: (Rindo alto) Conhecer a mim? Então vocês são mais corajosos do que eu imaginava.

NARRADOR: A cobra avança lentamente, e tenta abocanhar os dois amigos.

RAFAEL: Agora só temos uma coisa a fazer!

TOUCHÊ: (gaguejando) Re-rezar?

RAFAEL: Rezar não, correr! Porque lá vem uma alma penada! (grita, puxando Touchê pela mão)

NARRADOR: Rafa e Touchê correram pelos túneis, seguidos de perto pela serpente, que fazia "Nhac, nhac" tentando alcançá-los. Dona Jiboia Boia captura os dois com sua cauda e os prende. Eles lutam, mas não conseguem escapar.

RAFAEL: (Pânico) Por favor, não nos devore!

DONA JIBOIA BOIA: (Pensativa) E por que eu deveria poupar vocês?

TOUCHÊ: (Acalmando a cobra) Não viemos para fazer mal! Só queremos entender... e pedir que não destrua a cidade!

DONA JIBOIA BOIA: (Suspirando) Ah, bobinhos... Lamento informar, mas não existe Serpente Encantada! Tudo não passa de uma lenda. Sou só uma simples jiboia. Meu nome é Jiboia Boia.

TOUCHÊ: Uma jiboia... só uma jiboia?

DONA JIBOIA BOIA: Sim. Mas eu não sou nada simples. Vocês não sabem o que passei para estar aqui... Bem esta é uma história que eu não gosto muito de lembrar. Mas eu era uma cobra livre e feliz, vivendo aos arredores dessa Ilha maravilhosa. Até que os humanos destruíram os manguezais onde eu vivia e me alimentava. E sem que tivéssemos feito qualquer mal contra eles, mataram minha parentalha. Teve cobra que virou tambor, teve cobra que virou bolsa. Eu felizmente escapei, e depois de vagar

por dias, eu consegui me esconder aqui. Imaginei que as pessoas com medo dessa tal Serpente Encantada jamais viriam aqui, até que vocês apareceram...

NARRADOR: Rafa e Touchê baixaram a cabeça, envergonhados.

TOUCHÊ: (Com tristeza) Nós sentimos muito, dona Jiboia Boia.

DONA JIBOIA BOIA: (Com raiva) Sentir muito não resolve nada! Sinto muito, mas isso não adianta nada. O mal já está feito, e agora... (mostra os dentes) ...estou faminta.

RAFAEL: Não, por favor!

TOUCHÊ: (em desespero) Isso é maldade! Agir como os homens que lhe fizeram mal!

NARRADOR: A serpente hesita por um segundo, mas abre ainda mais a boca. TOUCHÊ ergue sua bengala e finca-a entre as mandíbulas da cobra, impedindo a mordida. Em meio à confusão, ambos se libertam e correm para casa. Chegando no quarto de Rafael...

TOUCHÊ: Ufa! Essa foi por pouco.

RAFAEL: Só espero que a jiboia consiga sobreviver.

TOUCHÊ: Não se preocupe, meu rapaz. Para tudo há um jeito. Mas, quer saber? Apesar de tudo, acho que nossa aventura valeu a pena. Às vezes, correr riscos é necessário para aprender algo importante. É preciso pensar no que os causou... e mudar isso. A Dona Jiboia Boia precisa de ajuda.

RAFAEL: Você tem razão, mas precisamos descansar.

NARRADOR: Nesse momento, Touche e Rafael se despedem. Touche sai de fininho pela janela e Rafael deita para dormir... No dia, já na escola, Rafael está sentado entre os colegas, quando a professora chama a atenção da turma.

PROFESSORA: Rafael, venha aqui nos contar sobre a lenda da Serpente Encantada.

NARRADOR: Ele levanta-se timidamente e caminha até o centro. Os colegas cochicham, curiosos.

RAFAEL: (nervoso) Bem... As lendas são histórias interessantes, mas... elas não são reais. Por exemplo, não existe nenhuma Serpente Encantada que vai destruir a cidade.

COLEGA 1: (curioso) Então quem pode destruir a cidade?

RAFAEL: (firme) O próprio homem!

PROFESSORA: Continue, Rafael. Explique isso melhor.

RAFAEL: Os manguezais da nossa ilha, que são tão importantes para muitos animais e até para nós, estão sendo devastados. Muitos rios viraram esgoto. A poluição

aumenta e a ilha está ficando mais quente. E, se não fizermos nada, o futuro da cidade pode ser... catastrófico.

PROFESSORA: Parabéns, Rafael. Você fez uma ligação surpreendente entre uma lenda e um problema muito real: a preservação do meio ambiente. Vamos aprofundar esse tema. Quero que todos pesquisem sobre a situação da natureza em nossa cidade e pensem no que podemos fazer para ajudar.

NARRADOR: E assim, terminado a aula, Rafael voltou para casa com o peso de grandes descobertas e um sorriso no rosto. A aventura na Fonte do Ribeirão não apenas revelou mistérios, mas plantou nele uma nova consciência, um chamado para proteger o que é real e precioso: a natureza e a vida ao seu redor.

A lenda “Uma viagem pela Ilha Encantada” de Wilson Marques

(Transcrito para a linguagem teatral)

(Cena 1)

NARRADOR: Kiki, uma menina de 8 anos, com cabelos castanhos e bochechas redondinhas que mora em São Luís do Maranhão. Kiki é uma criança muito curiosa e adora brincar e se aventurar. Ela tem um segredo que guarda a sete chaves, um presente que ganhou da avó: um poderoso amuleto – um maracá mágico de fitas coloridas que, com um toque, uma sacudida, pode levá-la a lugares incríveis.

NARRADOR: Um certo dia, acordou aborrecida e queria brincar com algo diferente. Então, foi até o velho baú, retirou o maracá mágico de fitas coloridas e sacudiu... De repente, Kiki transportou-se para a Ilha Encantada.

Kiki: – Onde estou?

NARRADOR: (Uma voz que ela não sabia de onde vinha respondeu):

Viajante: – Você está exatamente nas galerias subterrâneas da Fonte do Ribeirão, em São Luís do Maranhão.

Kiki: – Quem é você? Qual o seu nome? De onde veio?

Viajante: – Não tenho nome, pequena criança. Eu broto das pedras de cantaria, sou um viajante do tempo.

Kiki: – Mas todo mundo tem nome.

Viajante: – Pode ser, mas eu não tenho. De onde eu venho ninguém tem nome.

Kiki: – Huuummm... então, pequeno ser sem nome, você pode me dizer por que uma serpente desse tamanho vive escondida nas galerias subterrâneas da Fonte do Ribeirão?

Viajante: – Sente um pouco. Vou lhe contar a lenda da serpente que rodeia a Ilha de São Luís. Não é isso que você quer saber?

Kiki: – Sim, se você puder me contar.

Viajante: – Diz a lenda que essa grande serpente encantada dorme há muitos séculos, camuflada pelo limo e pelos musgos grudados em suas grossas escamas. E cresce a cada dia ao redor da Ilha de São Luís. No dia que sua cabeça tocar a cauda, ela acordará e, com sua força incrível e fúria, produzirá rugidos ensurdecedores, soltará labaredas de fogo pelos olhos e, com a língua comprida e vermelha, arrastará a cidade para as profundezas do mar.

Kiki: – Cruz credo! Mas por que a serpente vai afundar a Ilha de São Luís e afogar todos os moradores?

Viajante: – Ora, porque assim diz a lenda.

Viajante: – Dizem que a barriga da serpente se encontra debaixo da Igreja do Carmo; a cauda, debaixo da Igreja de São Pantaleão; e a cabeça, aqui na Fonte do Ribeirão.

Kiki: – Nossa... que história! Devem existir muito mais histórias encantadas em São Luís, que nós não sabemos, não é mesmo?

Viajante: – Sim, existem muitas lendas, não só nesta cidade, mas no Brasil inteiro, que crianças como você deveriam conhecer.

Kiki: – Você pode me contar mais alguma?

Viajante: – Você mesma tem de descobrir [disse já cansado]. Mas o que é isso que você tem nas mãos?

Kiki: – É o meu maracá mágico. Meu companheiro de viagem que me leva para vários mundos encantados. É só sacudir e, como num passe de mágica, entro em um mundo de fantasias e encantos.

Viajante: – Entendi. Você é uma garotinha esperta. Mas chegou a hora de eu retornar para o meu mundo.

NARRADOR: (Num segundo, seu corpo evaporou-se e aos poucos sumiu por completo).

Kiki: [surpresa] – Só podia ser mesmo um ser encantado, ou um ser de outro planeta.

NARRADOR: Então, ela pegou o maracá e sacudiu. De maneira surpreendente as fitas do maracá coloriram tudo ao seu redor.

(Cena 2)

NARRADOR: Então ela ouviu uma música suave, hipnotizante vinda de muito longe. Já era meio dia... Foi se aproximando devagar. Seus olhos não se cansavam de ver uma linda mulher sentada ao redor de um poço, penteando seus longos cabelos com um pente de ouro reluzente, mirando no espelho das águas.

Kiki: – Quem é você?

Mãe d'Água: – Eu sou a Mãe d'Água, mas você pode me chamar também de lara. Você sabe que tem de pedir licença para passar perto do meu poço meio dia?

Kiki: – Sim, é claro que sei.

Kiki: – [falou baixinho]: Então essa é a Mãe d'Água, que atrai e enfeitiça crianças, principalmente aquelas que passeiam sozinhas?

Mãe d'Água: – Pequena criança, o que você faz por aqui?

Kiki: – Estou passeando pela cidade encantada.

Mãe d'Água: – Onde estão seus pais? Eles não sabem que você está aqui neste horário de meio dia?

Kiki: – Meus pais sabem, sim, que estou aqui.

NARRADOR: [afastou-se, com medo, pois ela não queria dizer que os pais não sabiam].

Mãe d'Água: – Ô linda menina, não tenha medo! Não se preocupe. Não vou lhe fazer mal. Venha cá. Você quer ser minha amiga?

Kiki: – Quantos anos você tem?

Mãe d'Água: – Isso é falta de educação, menina! Digamos que eu já conheci sua tatatatatatataravó!!!!

Kiki: – Puxa!! Que coisa, você não envelhece?

Mãe d'Água: – Claro que não. Nem eu, nem o Saci, nem o Curupira, nenhum habitante do mundo encantado.

Kiki: – Mundo encantado?

Mãe d'Água: – É!! Existe um mundo encantado em São Luís. Você não sabia?

Kiki: – Jura? De verdade?

Mãe d'Água: – Pelo amor de Deus, é claro que sim. Vou lhe contar um segredo. No fundo do mar, na ilha dos Lençóis, aqui no Maranhão, existe um palácio feito de cristal, cheio de ouro e pedras preciosas do rei Dom Sebastião. Mas nós, do mundo encantado, preferimos que os humanos acreditem ser apenas uma lenda.

Kiki: – Um palácio? No fundo do mar? Gente, eu preciso ver isso!!!

Mãe d'Água: – Você quer conhecer? Eu posso lhe mostrar. Não tenha medo. Prometo cuidar de você.

Kiki: – Por onde a gente vai?

Mãe d'Água: – Por aqui. O meu poço é uma das portas do mundo encantado.

Kiki: – Por quê? Existe alguma outra porta?

Mãe d'Água: – Eita, menina, como você é curiosa! Sim, conheço algumas passagens secretas espalhadas pela cidade de São Luís, que levam a muitas lendas, como: na Fonte do Ribeirão, no Centro Histórico e na Rua de São Pantaleão. Mas, o que tem esse maracá que você carrega?

Kiki: – Ele tem poderes mágicos. Ele me leva para lugares encantados e me protege dos perigos.

Mãe d'Água: – E então, está preparada para a viagem?

NARRADOR: [kiki sacudiu seu maracá e disse]:

Kiki: É agora ou nunca. Vamos lá!!

NARRADOR: Quando Kiki abriu os olhos, se deparou com um vasto mar e um baú cheio de pedras preciosas, pérolas e ouro brilhando intensamente. Ela estava próxima ao palácio do rei Dom Sebastião, submerso perto da Ilha dos Lençóis. Logo avistaram o magnífico palácio de cristal. A Mãe d'Água a levou até uma janela, de onde observaram, no grande salão, a corte do rei com pessoas em trajes antigos, donzelas com cabelos cacheados, joias e leques, passeando pelo salão.

Kiki: – E o rei Dom Sebastião onde está?

Mãe d'Água: – Você vai descobrir logo. Para onde você vai agora, não posso acompanhar. Vamos nos encontrar mais na frente.

NARRADOR: Kiki concordou e se despediram. Sacudiu o maracá mágico de fitas coloridas, e novamente foi levada a um lugar encantado.

NARRADOR: Do nada apareceu a sua frente uma imensidão de dunas de areia branca. O vento era tão forte que lhe jogava areia nos olhos. Continuou a andar, agarrada cada vez mais forte o seu maracá, e tamanha foi sua surpresa quando avistou um touro negro com uma estrela reluzente na testa, coberto de pedras preciosas, com olhos brilhantes, chifres de ouro, vindo em sua direção.

Kiki: – Que touro é esse?

Homem misterioso: – Esse é o Touro Encantado.

Kiki: – Quem é você? Onde estou? Que praia é essa?

Homem misterioso: – Você está na Ilha dos Lençóis. Eu vou lhe contar a história do Touro Encantado, esse que você acabou de ver. Diz a lenda que Dom Sebastião, rei de Portugal, lutou numa guerra no Marrocos, na batalha de Alcácer-Quibir e, simplesmente, desapareceu entre as dunas de areias. O corpo jamais foi encontrado. Dizem que reapareceu nesta Ilha dos Lençóis, com toda sua corte, e vive em seu palácio de cristal submerso no fundo do mar. Seu navio nunca encontrou a rota para Portugal.

Homem misterioso: – Dizem que, nas noites de sexta-feira, o rei costuma aparecer em forma de um touro negro com uma estrela de ouro reluzente na testa, olhos brilhantes, coberto de pedras preciosas e chifres de ouro. Se alguém conseguir atingir a estrela na testa e ferir o touro, vai vê-lo desencantar-se e aparecer o rei Dom Sebastião e todo o reino.

Kiki: – Hummm... então o Touro Encantado é o rei Dom Sebastião! Nossa, que história legal! E depois que o rei desencantar, o que acontecerá?

Homem misterioso: – Quando o rei se libertar do encantamento, a cidade de São Luís vai afundar totalmente. Diante da Ilha dos Lençóis, emergirá das profundezas do mar a cidade encantada, com o palácio do rei e seus tesouros.

Kiki: – Puxa, como eu gostaria de ver esse dia! Deve ser muito divertido! Mas eu queria mesmo era ver o Touro Encantado novamente. Ele é tão bonito!

Homem misterioso: – Dizem que ele costuma aparecer também no mês de junho, durante as brincadeiras do bumba meu boi.

NARRADOR: Nesse momento, Kiki sentiu que deveria seguir, despediu-se com rapidez e sacudiu o maracá mágico de fitas coloridas...

NARRADOR: De repente, Kiki se viu em uma rua estreita e mal iluminada, com a sensação de que já era tarde da noite, pois não havia ninguém por perto. Apenas a Lua e as estrelas iluminavam o céu, e o vento fazia um som assustador. Era noite de quinta para sexta-feira, e logo começou a ouvir barulhos de cavalos e chicotes vindo do Cemitério do Gavião. O vento forte sacudia as janelas das casas na Rua de São Pantaleão, e o som se aproximava cada vez mais.

Kiki: – Que barulho é esse, meu Deus do céu? Parece carroça.

NARRADOR: Quando o barulho se aproximou, a menina se deparou com um homem sem cabeça, com sangue jorrando do pescoço, conduzindo, a todo galope, uma carruagem assustadora puxada por cavalos sem cabeça. Em seguida a carruagem parou em frente ao local onde Kiki se escondia. De dentro, surgiu a figura de uma mulher muito séria, cujos cabelos eram brancos como algodão, trazendo uma vela acesa na mão.

Kiki: – Meu Deus, deve ser a carruagem encantada de Ana Jansen!! Ainda bem que ela não me viu.

NARRADOR: Kiki conhecia a história contada por sua mãe sobre Ana Jansen, ou Donana, uma mulher rica e cruel com seus escravos, que foi condenada a vagar eternamente em uma carruagem encantada pelas ruas de São Luís. Ela carrega uma vela acesa que, ao ser entregue a alguém, transforma a pessoa em osso no dia seguinte. Kiki, assustada, queria sair dali o mais rápido possível e, então, sacudiu o maracá mágico de fitas coloridas.

NARRADOR: De repente, Kiki sentiu o cheiro de fumaça e ouviu o som de tambores, zabumbas, matracas e pandeirões. Estava no meio de um arraial junino em São Luís, com chapéus de penas e fitas coloridas ao seu redor. No meio da confusão, quase foi derrubada por Pai Francisco, que estava sendo levado para prestar contas sobre o desaparecimento de um boi. E ali, presenciou a seguinte cena:

NARRADOR: A esposa de Pai Francisco, Catirina, grávida, desejava comer língua de boi, mas não de qualquer boi, e sim do mais querido do patrão da fazenda onde trabalhavam. Para atender o pedido da esposa, Pai Francisco roubou o boi e cortou-lhe a língua. Quando o dono da fazenda descobriu, capturou Pai Francisco, e seguiu-se o diálogo:

Patrão: – Como está a família, Chico?

Pai Francisco: – Bem, obrigado, patrão.

Patrão: – Quero saber onde está o meu novilho que sumiu do campo.

Pai Francisco: – Num sei não, patrão. Juro que não vi.

Patrão: – Soube que tua mulher, Mãe Catirina, está grávida e com uma vontade louca de comer língua de boi. Então... foi você, Chico, que matou meu boi?

Pai Francisco: – Num foi eu não, patrão.

Catirina: – [vendo a agonia do marido] Não to grávida não, patrão. É barriga d'água, não é, Chico?

Patrão: – Nego Chico, não quero mais saber de desculpas. Quero o meu boi de volta, senão o chicote vai comer na fazenda.

NARRADOR: Pai Francisco, que era muito honesto, acabou contando a verdade e ficou a espera do castigo. Mas logo chegou a notícia de que o boi havia ressuscitado, por meio de rituais de orações feitas pelos curandeiros, cazumbás e feiticeiros da floresta. O patrão ficou tão feliz que resolveu perdoar e poupar a vida de Nego Chico. Para celebrar a vida do boi, comemorou com uma grande festa cheia de alegria com todas da fazenda.

Kiki: – Ufaaa! Ainda bem que o Pai Francisco se livrou dessa.

NARRADOR: E com isso, a menina sacudiu seu maracá e voltou para sua casa, muito feliz por todas as lendas contadas.

A lenda “Quem tem medo de Ana Jansen?” de Wilson Marques

(Transcrito para a linguagem teatral)

(CENA 1 – A SALA DA CASA)

NARRADOR: Um menino chamado João, de 10 anos, está sentado no tapete diante de uma cadeira de balanço. Enquanto a sua Avó está sentada na cadeira, tricotando. A cena se passa à noite. Olhando para a vovó, ansioso, o menino pergunta:

JOÃO: Vovó, me conta uma história nova! Já ouvi todas que a senhora sabe, não aguento mais as mesmas.

VOVÓ: História nova? Essas que eu te contei já dão arrepio em muito homem barbado!

JOÃO: Mas eu não sou mais criança, vó! Já tenho dez anos, lembra? Fiz aniversário semana passada.

VOVÓ: (claro e firme) Lembro, sim. Mas até homem de cinquenta anos se treme de medo quando ouve falar em Ana Jansen.

JOÃO: (encarando-a, determinado) Eu não vou me assustar, prometo!

VOVÓ: Hum... Quando estiver sozinho na cama, pode mudar de ideia, meu João Coragem.

JOÃO: A senhora já contou tantas histórias de medo, e nunca perdi o sono por causa delas.

VOVÓ: Ah, não? E quais foram essas histórias?

JOÃO: A lenda da lara, do Touro Encantado, da Serpente...

VOVÓ: Mas com Ana Jansen é diferente.

JOÃO: Por quê?

VOVÓ: Porque é a mais terrível de todas as lendas que o povo desta cidade conhece. Por isso, nunca quis te contar.

JOÃO: (implorando) Conte, vó. Conte, por favor!

VOVÓ: (depois de uma longa pausa, suspira) Está bem, eu conto..., Mas com uma condição. Se ficar com medo, não me acorde!

NARRADOR: João pula para frente da cadeira, cruzando as pernas no tapete, animado. Vovó volta a tricotar enquanto começa a história.

VOVÓ: (baixando a voz, criando suspense) Ana Jansen... ou Donana, como também a chamavam, foi uma mulher rica e poderosa que viveu aqui em São Luís, no século XIX. Mas dizem que era perversa. Muito perversa.

VOVÓ: Tratava seus escravos com tanta crueldade que, ao morrer, recebeu um castigo terrível...

JOÃO: (sussurrando, quase sem fôlego) Que castigo?

VOVÓ: Foi condenada a vagar pelas ruas de São Luís... em uma carruagem puxada por cavalos sem cabeça.

JOÃO: E quem dirige essa carruagem?

VOVÓ: Um escravo... também sem cabeça.

JOÃO: E o que ela faz?

VOVÓ: Entrega uma vela ao primeiro que encontrar. Mas cuidado! Quando amanhece, essa vela vira um osso de defunto.

NARRADOR: Uma breve tensão toma conta da cena. João observa a avó com olhos arregalados, mas tenta disfarçar o medo. A Vovó finaliza a história, e se despede do neto que sobe para o quarto para ir dormir...

(CENA 2 – NO QUARTO)

NARRADOR: João está deitado na cama. A luz é baixa, sugerindo que a única iluminação vem da lua que atravessa a janela. Sons leves de vento e farfalhar de folhas ao fundo. Ele vira de um lado para o outro, inquieto.

JOÃO: (para si mesmo, tentando se convencer) É só uma história... Só uma história...

NARRADOR: De repente, sons ao longe: trote de cavalos, arrastar de correntes, estalar de chicotes. João senta-se na cama, assustado.

JOÃO: Não pode ser...

NARRADOR: Os sons ficam mais altos. Ele se levanta devagar, vai até a janela e abre uma pequena fresta. Olha para fora.

JOÃO: (boquiaberto, aterrorizado) É a carruagem... É ela! Vou continuar aqui. Quem tem medo de Ana Jansen? Eu não tenho!

NARRADOR: Ele abre mais a janela e vê a carruagem passar rapidamente, com seus detalhes. Após um momento de tensão, o som desaparece na distância. João fecha a janela, ainda trêmulo, mas aliviado. Volta a deitar na cama, e cai no sono...

(CENA 3 – NA MANHÃ SEGUINTE)

NARRADOR: Vovó está sentada à mesa, tomando café. João entra, com ar vitorioso.

JOÃO: (orgulhoso) Vó, eu vi a carruagem! Passei pela maior aventura da minha vida!

VOVÓ: (sorri, balançando a cabeça) Besteira, menino! Você só teve um pesadelo...

JOÃO: Não foi pesadelo! Eu vi com meus próprios olhos.

VOVÓ: Deixa pra lá, João. O importante é que você está aqui, firme e forte. Agora, venha tomar seu café.

NARRADOR: E assim termina a história daquela noite assombrada, onde o medo e a coragem travaram uma batalha em um coração pequeno, mas decidido. Talvez fosse apenas um sonho, talvez um delírio de criança. Ou, quem sabe, uma verdadeira aventura. O que importa, no final, é a lição que ficou: às vezes, o maior desafio não está em vencer monstros ou fantasmas, mas sim em superar o medo que vive dentro de nós. E nessa luta, o pequeno herói se saiu muito bem.

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



CAMPUS SANTA INÊS

DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Conceição de Maria Cavalcão de Sousa, diretor(a) da Escola Mul. Ferdinand Gutman AUTORIZO o uso de imagem dos alunos da Escola Municipal Ferdinand Gutman EM FOTOS REFERENTES A APRESENTAÇÕES realizadas, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso, constituindo requisito da pesquisa **LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA: mediações de leitura através do teatro de bonecos com lendas maranhenses**, sob a responsabilidade das acadêmicas **LAUANNE CUNHA CARVALHO** e **LUANA TAYNARA RIBEIRO SILVA BARBOSA**, do curso de Pedagogia, as quais pertencem a instituição: Universidade Estadual do Maranhão/ Campus Santa Inês. As imagens serão utilizadas com a finalidade acadêmica. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou qualquer outro.

Santa Inês, 21 de novembro de 2024

Conceição de Maria Cavalcão de Sousa
Diretora
ESC. MUL. FERDINAND GUTMAN

Assinatura e Carimbo

Diretor(a)